

CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
MESTRADO EM ARTES VISUAIS
ENSINO DA ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA



Dissertação

Escolinha Municipal de Arte de Pelotas:

Memória, História e Ensino de Arte

(1963/1998)

Marge Faria do Amaral Peixoto

Pelotas, 2017

Marge Faria do Amaral Peixoto

Escolinha Municipal de Arte De Pelotas:

Memória, História e Ensino de Arte

(1963/1998)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ursula Rosa da Silva

Pelotas, 2017

Marge Faria do Amaral Peixoto

Escolinha Municipal de Arte de Pelotas: Memória, História e Ensino de Arte
(1963/1998)

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29 de março de 2017

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ursula Rosa da Silva (Orientadora)
Doutora em História, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof^a. Dr^a. Mirela Meira
Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof^a. Dr^a. Larissa Patron Chaves Spieker
Doutora em História, pela Pontifícia Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que tem dentro de si uma criança artista, que gostam de ser livres para se expressar.

Agradecimentos

Ao meu marido Leonardo Antunes, meu incentivador e parceiro de muitas horas de pesquisa, angústia e dúvidas. Ele, que sempre me apoiou em todos os momentos, e ajudou nas formatações e nas horas de dificuldades com o computador. Meu amor.

Ao meu filho Frederico, que entendeu a importância da minha pesquisa, me ajudou em todos os momentos que foi solicitado e me deu incentivo para seguir com o meu objetivo.

Ao meu filho Henrique, que me deu força para seguir o trabalho que tanto me motiva e entendeu a minha falta em muitos momentos.

À toda minha família, especialmente à minha irmã Noêmia Peixoto de Menezes, que é formada em Artes e Arquitetura e sempre me acompanhou nos estudos, desde a Especialização e agora neste Mestrado, sempre torcendo por mim. À minha irmã Cordélia que me prestigiou na minha Qualificação e que está sempre me entusiasmando. Aos meus irmãos Octávio e Beatriz que estiveram comigo na defesa desta pesquisa. Ao meu primo Ricardo que foi aluno da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas e sempre me incentivou. À minha família de coração (Antunes), que sempre está me incentivando.

À minha orientadora Ursula Rosa da Silva, por ter acreditado na relevância do assunto da pesquisa e na minha capacidade para desempenhar este trabalho.

À minha diretora, Márcia Madruga, que participou desta caminhada e possibilitou o acesso aos materiais coletados no arquivo da escola. À minha colega de trabalho, Aida Machado, que sabe a importância de estudar e de se atualizar, sempre incentivando todos a se aperfeiçoarem, avisando dos cursos de formação.

À minha ex-professora Regina Al-Alam Elias que colaborou na finalização desta pesquisa.

Aos professores e funcionários do Mestrado, que sempre estiveram prontos a contribuir com ensinamentos, dicas, uma palavra de incentivo nas horas difíceis e auxiliar em muitas dúvidas.

Às colegas do Mestrado Fabiana Lopes e Lislaine Cansi, pela amizade, pelo auxílio e troca de ideias durante todos os momentos.

Aos amigos que me encorajaram e apoiaram.

Aos colegas do Mestrado, que sempre estiveram presentes dando incentivo nas horas difíceis e festejando nas horas boas.

Ao professor Góy que aceitou fazer parte da Banca, na minha qualificação e que por motivos particulares não pode estar na Banca final, por sua fala que ajudou muito até a chegada no texto final.

À professora Larissa que aceitou fazer parte da minha Banca final, colaborando com suas colocações.

E, à professora Mirela Meira que fez parte da história da Escolinha de Arte de Bagé, tendo sido aluna e professora, e que muito contribuiu para a finalização desta Dissertação.

Resumo

PEIXOTO, Marge Faria do Amaral. **Escolinha Municipal de Arte de Pelotas: Memória, História e Ensino de Arte (1963/1998)**. 2017. 161f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Esta dissertação, tendo como título: “Escolinha Municipal de Arte de Pelotas: Memória, História e Ensino de Arte (1963/1998), insere-se na Linha de Pesquisa “Ensino da Arte e Educação Estética” do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Mestrado, da Universidade Federal de Pelotas, RS. Sustenta-se na necessidade de se conhecer essa história que foi desenvolvida na área da Arte-Educação em 30 anos de existência. Foi uma experiência educativa, funcionando desde o princípio com uma proposta baseada nas Linguagens da Arte. Na sua criação, recebeu o nome de Escolinha Municipal de Arte (Pelotas/RS). Está entre as Escolinhas que tiveram suas bases no Movimento Escolinhas de Arte, surgido em meados de 1952. O objetivo principal desta pesquisa é reconstituir, preservar, divulgar e valorizar a memória, a história e o ensino de arte da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a reflexão das pessoas, sobre a memória, a história e o ensino de arte em Pelotas. A pesquisa aconteceu seguindo uma abordagem qualitativa, tendo como fontes de pesquisa a análise documental do acervo da escola, imagens de registros e entrevistas com algumas pessoas que trabalharam ou estudaram na Escolinha ou tiveram relação com ela. Divide-se em quatro etapas: Introdução, Contexto Histórico-Político da Arte-Educação, Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Devido à escassez de registros escritos sobre a Metodologia desenvolvida durante esses 33 anos de Escolinha, teve-se que usar de entrevistas com os protagonistas que fizeram parte dessa história, a fim de coletar informações e imagens. As entrevistas contribuíram para compor o texto da dissertação, mas não foram utilizadas na sua íntegra e sim no decorrer do texto. Acredita-se que tenha alcançado os objetivos e que esta pesquisa possa realmente contribuir para o ensino de arte. Para aprofundar os estudos, as principais referências foram: RODRIGUES (1980); READ (1978;1986); BARBOSA (1997; 1988; 1991); MEIRA (2003; 2010); VARELA (1980; 2001).

Palavras-chave: Arte-Educação; Escolinha de Arte do Brasil; Escolinha Municipal de Arte de Pelotas

Abstract

PEIXOTO, Marge Faria do Amaral. **Municipal Little Art School of Pelotas: Memory, History and Teaching of Art (1963/1998)**. 2017. 161f. Master Thesis (Master's Degree in Visual Arts) Postgraduate Program in Visual Arts, Art Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

This master thesis is entitled: "Municipal Little Art School of Pelotas: Memory, History and Teaching of Art (1963/1998)", it is inserted in the Line of Research "Teaching of Art and Esthetical Education" of the Postgraduate Program in Visual Arts, Master's Degree in the Federal University of Pelotas, RS. It is sustained in the necessity of knowing this history which was developed in the area of Education throughout 30 years of existence. It was an educational experience functioning since its beginning as a proposal based on Languages of Art. In its foundation was given the name Municipal Little Art School (Pelotas/RS). It is among the Schools which were based on the Art Schools Movement, emerging around 1952. This research aims at reconstitute, preserving and spreading, appraising the memory, history and the teaching of art of the Municipal Little Art School of Pelotas. It is expected that this research can contribute for the reflection of people, about the memory, history and teaching of art in Pelotas. The research was carried out following the qualitative approach having as research source the analysis of documents of the school database, images or records and interviews with some people who worked or studied in the institution or had some kind of relation with it. It is divided into three parts: Introduction, Historical and Political Context of Art-Education and the Municipal Little Art School of Pelotas. Due to scarce written resources about the methodology developed in the last 33 years of the institution, I had to use interviews with the protagonists who took part of this history, in order to collect information and images. The interviews contributed to construct the text of this thesis, but they were not used entirely but only throughout the text. I believe I had achieved my goals and this research could really contribute for the teaching of art. For further reading the main references were the following: RODRIGUES (1980); READ (1978; 1986); BARBOSA (1997; 1988; 1991); MEIRA (2003; 2010); VARELA (1980; 2001).

Key-words: Education-Art; Little Art School of Brazil; Municipal Little Art School of Pelotas

Lista de Figuras

Figura 1 – Imagem de Augusto Rodrigues entre crianças, s/d.....	23
Figura 2 – Imagem do Jornal ARTE & Educação – set.- 70.....	32
Figura 3 – Imagem do Boletim do MEC – FUNARTE – Fazendo Artes – 1983 – nº zero.....	35
Figura 4 – Imagem do Boletim ARTE NA ESCOLA – edição nº 2 – 1993.....	36
Figura 5 - Fotografia do Mini Zoológico - Parque Dom Antonio Zattera, data provável (1960-70)	38
Figura 6 - Fotografia do Mini Zoológico. Parque Dom Antônio Zattera, data provável: 1970.....	39
Figura 7 – Fotografia da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas (vista de dentro da Praça), data provável: 1975.....	40
Figura 8 – Lista do 1º Corpo Docente da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, 1963.....	41
Figura 9 – Fotografia das professoras no dia da inauguração da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, 1963.....	42
Figura 10 – Fotografia das professoras da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, 1967/68.....	43
Figura 11 – Fotografia das professoras e funcionárias,1989.....	44
Figura 12 – Fotografia das professoras, professor e funcionárias, s/d.....	45
Figura 13 – Fotografia das professoras e funcionárias, s/d.....	45
Figura 14 – Fotografia da Fachada da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas – EMA, 1963.....	48
Figura 15 – Fotografia da ampliação e reforma da EMA, 1972.....	49
Figura 16 – Fotografia da Professora Ruth Blank (1ª da direita para a esq.), s/d.....	50

Figura 17 – Fotografia da aula de Pintura com a professora Yara Conceição, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	57
Figura 18 – Fotografia da aula de Pintura com a professora Maria Deborah Traversi Pinto, s/d.....	58
Figura 19 – Fotografia da aula de desenho com giz de cera, s/d.....	58
Figura 20 – Desenho realizado na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	59
Figura 21 – Desenho realizado na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	59
Figura 22 – Fotografia do Palhaço Pipoca – fantoche confeccionado pela professora Gladys Ernst. Um dos personagens principais do Teatro de Fantoches, 1997.....	61
Figura 23 – Fotografia do Palhaço Rapadura – fantoche confeccionado pela professora Gladys, 1997.....	61
Figura 24 – Fotografia da apresentação do Teatro de Fantoches, Palhaços Pipoca e Rapadura. Professora Seli Maurício, s/d.....	62
Figura 25 – Fotografia do Teatro de Fantoches. Personagens confeccionados pelos alunos, s/d.....	63
Figura 26 – Fotografia dos alunos confeccionando os seus fantoches, s/d.....	64
Figura 27 – Fotografia dos alunos com seus fantoches, s/d.....	64
Figura 28 – Fotografia de apresentação teatral, no Asilo de Mendigos, 1975.....	65
Figura 29 – Fotografia de apresentação teatral, em frente a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, no Parque Dom Antonio Zattera, s/d.....	66
Figura 30 – Fotografia da aula de Música, utilizando os instrumentos musicais. Bandinha, s/d.....	67
Figura 31 – Fotografia da aula de Música na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	67
Figura 32 – Fotografia do Coral da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	68
Figura 33 – Fotografia do Coral da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	69
Figura 34 – Fotografia dos alunos da EMA, na aula de Modelagem com argila, s/d.	70

Figura 35 – Fotografia de alunos modelando com argila, utilizando pranchetas, na praça. Aproveitando a natureza para se inspirarem em suas criações, s/d.....	70
Figura 36 – Fotografia da aula de modelagem de bolachinha, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	71
Figura 37 – Fotografia das alunas da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, na aula de modelagem de massa de pão, s/d.....	72
Figura 38 – Fotografia dos alunos modelando massa de pão, s/d.....	72
Figura 39 – Fotografia da aula de Literatura, na EMA, s/d.....	74
Figura 40 – Fotografia da aula de Marcenaria, na EMA, s/d.....	75
Figura 41 – Fotografia da inauguração de uma Exposição da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, no Salão da Biblioteca Pública de Pelotas, s/d.....	76
Figura 42 – Fotografia da Inauguração de Exposição de Obras de arte, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	76
Figura 43 – Fotografia da Exposição de trabalhos em Pintura e Modelagem, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	77
Figura 44 – Fotografia da Exposição em Pintura e Modelagem, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	77
Figura 45 – Fotografia da inauguração de uma Exposição no Salão do Grande Hotel, s/d.....	78
Figura 46 – Fotografia da Exposição de Pintura, no salão do Grande Hotel, s/d.....	78
Figura 47 – Fotografia da Inauguração de uma Exposição da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	77
Figura 48 – Fotografia dos alunos na aula de Pintura em Porcelana, s/d.....	80
Figura 49 – Fotografia da aula de Cerâmica Artística para adultos, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.....	81
Figura 50 – Fotografia do Professor Beto Santos e Augusto Rodrigues no Encontro Estadual de Escolinhas de Arte do RS, 1977.....	83

Lista de Abreviaturas e Siglas

AGA	Associação Gaúcha de Arte
CEP	Colégio Estadual do Paraná
CDE	Centro de Desenvolvimento da Expressão
CIA	Curso Intensivo de Arte
CPDOC	Centro de Pesquisa de Documentação Nelson Nobre Magalhães
EAB	Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)
EAUNB	Escolinha de Arte da Universidade de Brasília
EMA	Escolinha Municipal de Arte de Pelotas
FUNARTE	Fundação Nacional de Arte
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
IPASE	Instituto de Previdência e assistência Social do Estado
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
MEA	Movimento Escolinhas de Arte
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PPGAV	Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Pelotas)
SMED	Secretaria Municipal de Educação e Desporto (Pelotas)
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sumário

1	Introdução	14
2	Contexto Histórico-Político da Arte-Educação	18
2.1	Movimento Escolinhas de Arte	18
2.2	Escolinha de Arte do Brasil	19
2.3	Precursors das Escolinhas de Arte	22
3	Jornal Arte & Educação	31
4	Escolinha Municipal de Arte de Pelotas	37
4.1	Criação da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas	46
4.2	Metodologia da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas	50
	4.2.1 Como era o Ensino de Arte na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, contado por eles, personagens dessa história	52
	4.2.2 As Linguagens do Ensino de Arte da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas	56
4.3	Idealizadora e criadora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas - Professora Ruth Elvira Blank	864
5	Considerações Finais	87
	Referências	90
	Apêndices	98
	Anexos	116

1 Introdução

Esta dissertação tem por escopo o estudo da Escolinha Municipal de Arte, na cidade de Pelotas, sua memória, história e o ensino de arte (1963-1998).

Faço, a seguir, um breve relato pessoal, das influências familiares, acadêmicas e profissionais, as quais me levaram a realizar esta pesquisa.

Possuo graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (1989).

Minhas influências no campo das artes, principiaram com a minha avó paterna que pintava quadros. E continuaram, com as minhas irmãs, as duas formadas em Belas Artes (UFRGS), e em Educação Artística (UFPEL). Uma delas em 1971, criou uma Escolinha de Arte, na cidade de Estrela (RS). Escola onde crianças e adolescentes realizavam pinturas.

Minha carreira profissional teve início em uma escola infantil particular, como professora. Depois, Magistério do Colégio Santa Margarida, Coordenação de escola infantil particular, contrato e, após, concurso do município para as Escolas de Educação Infantil.

A partir de 2001, como professora da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Ruth Blank (antiga Escolinha Municipal de Arte de Pelotas), passei a conhecer suas histórias, contadas pelo professor que ainda lecionava Modelagem; ex-aluno e ex-professor da Escolinha. Também mostrava as fotos, muitas em preto e branco, datadas de 1963 e anos seguintes e dizia que eram as pessoas que fizeram parte de tudo isso.

Entrar em contato com o acervo da escola, manusear documentos antigos e fotos, me deixaram entusiasmada e com a ideia de resgatar, divulgar e valorizar a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, meu objetivo na pesquisa. Este material tão rico não deve ficar guardado, sem ninguém conhecer, deve ser conhecido, lido e fazer com que as pessoas se motivem em lutar por ter mais espaços assim em Pelotas.

A escola teve reformulações a partir de 1999 e, as orientações de Augusto Rodrigues e Noêmia Varela, foram trocadas pelas da SMED, sobre Educação Infantil. Em 2003, iniciou um Projeto de Arte (2003), onde os alunos da Educação Infantil vinham até esta escola para ter contato com as Linguagens da Arte e os professores que vinham junto, eram multiplicadores em suas escolas. Hoje, ela é

uma das Escolas de Educação Infantil de Pelotas.

No decorrer destes 16 anos, aprendi muito sobre ensino de arte. O contato com Modelagem, Pintura e Desenho, Teatro, Literatura e Música, levaram a cada vez mais aprofundar meus conhecimentos nesta área. Comprar livros e colocar em prática alguns aprendizados, ler artigos. Manusear pincéis e tintas, fantoches e poder realizar uma proposta mais criadora e livre.

Especializei-me em Anos Iniciais e Educação Infantil (2008). Mas, queria mais, queria algo mais. Queria algo relacionado com a arte.

E foi assim que ao entrar no Mestrado do PPGAV (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais) da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas), como aluna especial em 2014, e durante as aulas, ir relatando para os professores e colegas, os meus objetivos, já estava pronta para acessar o acervo da escola, digitalizar e copiar documentos e fotos. Minha preocupação era o Secretário da Educação mudar e querer realizar mudanças na escola, e eu perdesse o contato direto com estes materiais do acervo. Então, pedi autorização à diretora e comecei a digitalizar e fazer fotocópias dos documentos e das fotos.

Em 2015, fui aprovada no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da UFPEL. Atingir uma meta, realizar um sonho, estes objetivos estou a realizar. Me tornei uma pesquisadora, e como tal, posso divulgar o trabalho de pesquisa e produzir conhecimento.

Durante as aulas, pude entrar em contato com outras fontes textuais e aprofundar meu conhecimento teórico. Nos Encontros e Seminários treinar a escrita e a explanação da minha pesquisa. Muita troca, muito aprendizado. Muito crescimento e amadurecimento.

O desenvolvimento desta pesquisa, terá uma abordagem qualitativa, tendo como fontes de pesquisa: a análise documental, imagens de registros e entrevistas. As primeiras atitudes tomadas quanto a execução desta pesquisa e para atingir os objetivos propostos, foram: Ler livros, textos, artigos, trabalhos de finais de curso (TCC), de pesquisa (Monografias, Dissertações e Teses), a fim de ter um ótimo embasamento teórico. Analisar, digitalizar e fazer cópia das fotos e dos documentos do acervo da escola, como: atas, decretos, fichas dos alunos, proposta pedagógica, planos de aula e de curso. Pesquisar em jornais antigos, fatos relevantes e inusitados sobre a antiga escolinha e coletá-los através da fotografia (autorizada pela Biblioteca Pública de Pelotas). Buscar através de contatos, fotos e trabalhos

realizados na Escolinha, como por exemplo, obtive através de um colega de Mestrado, a informação sobre algumas fotos da Escolinha, que se encontravam no acervo do Centro de Pesquisa de Documentação Nelson Nobre Magalhães. Recebi autorização (via oral) da Coordenadora do Ponto de Cultura da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, para coletar estas imagens. Receber ajuda da orientadora, explorando ao máximo seu conhecimento. Pesquisar na Internet, o que há sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas e se já existem trabalhos específicos, publicados sobre ela. Assim como, sobre a Escolinha de Arte do Brasil e todas as demais, o Movimento Escolinhas de Arte, a livre-expressão. Procurar bibliografia específica da área trabalhada. Fazer anotações sobre artigos e materiais encontrados. Organizar, e catalogar todo o material coletado, no computador, em pastas e caixas. Escrever artigos para Eventos, proporcionados durante o período do Mestrado e após, divulgando a Escolinha, sua memória, história e o ensino de arte, a fim de atingir alguns objetivos propostos na pesquisa. Entrevistar ex-diretores, ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos, a fim de buscar a memória dos sujeitos. Aproveitar para fazer as entrevistas, cópias e digitalizar livros, jornais e fotos, que ofereçam subsídio para trabalhos futuros. Transcrever as entrevistas.

Em relação aos trabalhos publicados encontrados, nenhum fala exclusivamente sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, entre eles: Meira (1984)¹, Venzke (2010)², cita a Escola Municipal de Arte- infância Ruth Blank, como uma das escolas elencadas na sua pesquisa

Houve um Projeto de Pesquisa³, chamado: “Escolinha Municipal de Arte: memórias em diálogo”, que conforme seu pesquisador, não foi publicado. Também não consegui acesso aos dados coletados na época deste projeto, que seriam muito valiosos, pois algumas professoras entrevistadas já faleceram.

¹ MEIRA, Mirela. Estudo Crítico sobre uma forma alternativa de Arte-Educação: O caso da Escolinha de Bagé. Monografia. Especialização em Arte. Suportes Científicos e Práxis. Porto Alegre, PUC, 1984.

² VENZKE, Lourdes Helena D. “Já não vos assistirá plenamente o direito de errar, porque vos competirá o dever de corrigir”: Gênero, Docência e Educação Infantil em Pelotas (décadas 1940-1960). Tese (Doutorado) – UFRGS. Faculdade de Educação. PPGE, 2010. Porto Alegre/RS. P.190.

³ Projeto de Pesquisa, cadastrado na UCPEL, sobre a Escolinha Municipal de Arte: memórias em diálogo. Artigo: “Resgate a história da Escolinha de Artes”, publicado em www.pelotas.com.br, Prefeitura Municipal de pelotas, site de notícias, em 05/04/2002. Redatora: Luiza Assumpção.

Dos registros pesquisados nesta Dissertação, sobre a Escolinha de Arte do Brasil (livros, artigos, notícias) e sobre o Movimento Escolinhas de Arte, nada foi encontrado sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Assim sendo, acredito que posso concluir que este é o primeiro trabalho publicado, especificamente, sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Quanto aos teóricos, empenhei-me em conseguir livros e escritos de Augusto Rodrigues, Noêmia Varela, Marly Meira, Herbert Read, Ana Mae Barbosa, Tom Hudson, Lúcia Alencastro Valentim, Edith Derdyk, Vieira da Cunha, Claparède entre outros. Em todos eles achei palavras e pensamentos importantes para a minha pesquisa.

Augusto Rodrigues escreve:

Arte deve ser a força mais importante no processo humano. Para chegar a entendê-la é preciso conviver com ela. E nas Escolinhas de Arte, Escolinhas que eu, juntamente com outros artistas e educadores criamos, havia justamente o objetivo de que a criança, no exercício da atividade artística, não viesse obrigatoriamente, a ser artista, mas sobretudo, que se tornasse sensível à obra de arte a partir de sua própria experiência. Aí, então, ela vai conviver com a arte. E, claro, vai ser mais feliz (RODRIGUES, 1983, p. 11).

Esta reflexão me faz entender mais ainda a proposta metodológica das Escolinhas de Arte. Assim como a da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. A criança e o adolescente desenvolvendo o seu potencial criador: observando, tocando e depois, transferindo para o papel, o que e como sentiu, com lápis ou com tinta; para a argila, para a dança, para o teatro, para a música, para a literatura.

Levando em conta os referenciais teóricos-metodológicos colocados, a investigação nos conduz a um trajeto, que vai desde o contexto histórico-político da Arte-Educação, que abrange o Movimento Escolinhas de Arte, a Escolinha de Arte do Brasil e os Precursors, depois passando para a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, que abrange a criação; a metodologia; a idealizadora e criadora: Ruth Blank e o Jornal Arte & Educação.

2 Contexto Histórico-Político da Arte-Educação

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, está entre as Escolinhas que faziam parte do contexto Histórico-Político da Arte-Educação.

2.1 Movimento Escolinhas de Arte

O Movimento Escolinhas de Arte foi um movimento organizado por Augusto Rodrigues, nos anos subsequentes a criação da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), em 1948, durante as décadas de 1950, 60, 70 e 80. Houve um crescente interesse nas experiências desenvolvidas, além de inspirar entusiastas e educadores a abrirem unidades da Escolinha em outros lugares no Brasil e unidades no exterior.

Segundo Noêmia Varela:

O Movimento Escolinhas de Arte é uma consequência natural da própria filosofia e dinâmica da Escolinha de Arte do Brasil. Quando ela foi instituída, Augusto empenhou-se em seguir uma diretriz educacional criadora. Sentiu que naquele momento era novidade uma classe de arte para criança. Chamava a atenção, mobilizava os interesses mais diversos, pessoas de formação variada. Entendeu rápido que teria que difundir horizontalmente e que teria que passar a mensagem – porque era fundamental a importância daquela pequenina experiência, que nada tinha a ver com o sistema escolar da rede oficial (VARELA, 1980, p. 70-71).

Augusto Rodrigues nasceu no Recife, em 1913. Foi um menino marcado pela dura experiência de escolas repressivas, tinha motivos de sobra para querer criar uma escola que atenderia, principalmente crianças e, que proporcionasse o que as demais não realizavam. Ou seja, uma escola com experiências criadoras. Durante a sua vida, tornou-se caricaturista e pintor. Fundou a Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro. Sempre envolvido com arte, veio a falecer em 1993.

Além do trabalho realizado com a criança, em direção à criatividade e à expressão, a Escolinha de Arte do Brasil gerou um movimento de discussões que contagiou vários educadores do país e do exterior, e foi se constituindo o Movimento Escolinhas de Arte, resultando em uma nova abordagem do próprio ensino de Arte e na criação de muitas Escolinhas. Alcançou assim um grande número de educadores através do Movimento, dos cursos para professores de artes, dos estágios e

também das publicações da Escolinha, como o jornal Arte & Educação, que mantinha discussões sobre Arte/Educação e falava das experiências nas Escolinhas.

Ana Mae Barbosa relata abaixo uma parte do seu artigo na Revista Art &:

Depois que iniciou seus cursos de formação de professores, a Escolinha de Arte do Brasil teve uma enorme influência multiplicadora. Professores, ex-alunos da Escolinha criaram Escolinhas de Arte por todo o Brasil, chegando a haver 32 escolinhas no país. Usando principalmente argumentos psicológicos as Escolinhas começaram a tentar convencer a escola comum da necessidade de deixar a criança se expressar livremente usando lápis, pincel, tinta, argila etc (BARBOSA, 2003 – artigo: Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo - 18º parágrafo – <http://www.revista.art.br>anamae>).

Este Movimento foi a forma que Augusto Rodrigues teve de manter interligadas, através de Encontros, tantas Escolinhas de Arte, em todo o Brasil e fora dele.

No Boletim Fazendo Artes, em 1988, Noêmia Varela aponta que em 1978 haviam sido fundadas 130 Escolinhas de Arte no Brasil, e outras quatro no Paraguai, Argentina e Portugal. Muitas dessas Escolinhas resistiram pouco tempo e logo fecharam. Outras sustentaram e transformaram suas atividades durante várias décadas.

2.2 Escolinha de Arte do Brasil

A Escolinha de Arte do Brasil diferente da maioria das Escolinhas de Arte que vieram depois, não foi planejada no papel e sim nas mentes de alguns artistas, educadores e, principalmente de Augusto Rodrigues; não teve festa de inauguração, não teve anúncios em jornais, nem chamou muita atenção; não tem data precisa de fundação. Mas, para efeito de comemoração, ficou 8 de julho de 1948, a data de aniversário da Escolinha de Arte do Brasil.

A Escolinha de Arte do Brasil (EAB), foi criada em 1948, no Rio de Janeiro, pelos artistas e educadores Augusto Rodrigues, Margaret Spencer e Lucia Valentim.

Segundo o artigo do Jornal do Brasil, em 1968:

Tudo começou quando Augusto Rodrigues e mais alguns artistas – Darel Valença, Poti e Cordélia de Moraes Vital, entre outros – conversavam num jardim da Cidade sobre educação. Faziam ainda parte do grupo educadores insatisfeitos com a escola comum. Sentiam que não podiam dar às suas crianças a liberdade devida. Achavam ainda que a criança necessitava de um lugar onde essa experiência pudesse ser feita. Um lugar onde ela pudesse liberar seus impulsos criadores. Uma escola sem coação. Realizava-se no Rio a exposição das crianças inglesas. Os trabalhos eram lindos, coloridos e até líricos. A exposição estava sendo realizada na escola Nacional de Belas Artes e representava a confiança dos ingleses no futuro, apesar da guerra que os destruía (RODRIGUES, 1980, p. 30)⁴.

Os primeiros alunos foram surgindo, vinham aos poucos e assim a Escolinha foi crescendo. Não havia um lugar espaçoso, então conseguiu-se o corredor da Biblioteca Castro Alves, do Instituto de Previdência e Assistência Social dos Servidores do Estado – IPASE, voltada fundamentalmente para o público infantil.

Através das palavras de Noêmia Varela, percebe-se que a Escolinha possuía uma proposta aberta:

Na verdade, muitos artistas e educadores no Brasil e na América Latina fizeram experiências e pesquisas na área de educação e arte. O que a Escolinha de Arte do Brasil fez e continua fazendo de singular para mim é apresentar-se como proposta aberta, modelo gerador de novas Escolinhas de Arte, modelo no sentido científico, não para ser imitado, mas para ser o ponto de partida para a mudança. Ela nunca propôs a nenhuma Escolinha: ‘faça o que eu faço’. Mas, ‘tenha os fins, a expectativa, leve as atitudes geradoras de uma experiência coerente com o seu meio’. Modelo gerador de novas Escolinhas de Arte diversificadas na medida do sonho e da força criadora de seus fundadores. A Escolinha de Arte de Bagé, de Santa Maria, do Recife, de Alagoas, de João Pessoa, de Cachoeiro do Itapemirim, representam realidades e resultados inteiramente diversos. Mas, estão ligadas à experiência Escolinha de Arte do Brasil, dentro de uma linha filosófica, dentro de uma atitude e expectativa, de uma forma de educação inteiramente diversa da que caracterizava e caracteriza o nosso sistema educacional... E se cada escolinha – pelos seus ideais e princípios – se liga à experiência-mãe de Escolinha de Arte do Brasil, por outro lado caminha para independentemente, em seu processo de desenvolvimento, autônoma na dimensão que lhe conferem aqueles que a constituem, que fundamentam e orientam a experiência (RODRIGUES, 1980, p.70).

As Escolinhas de Arte, cada uma dentro de sua peculiaridade tinha a liberdade de criar, desde que não perdesse a essência do que proponha Augusto Rodrigues.

⁴ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. "Começou com o exemplo inglês", 7/7/68 – artigo comemorativo do 20º aniversário da Escolinha. Alguns trabalhos das crianças inglesas mostravam seus instintos criadores, assim, o desejo de Augusto Rodrigues e dos demais era uma mudança no ensino tradicional das escolas. Buscavam a livre-expresão.

Abaixo, listo algumas das Escolinhas de Arte:

1948 – Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro);

1949 – Escolinha de Arte do Círculo Militar de Porto Alegre, pelo Major Fortunato e sua esposa Edna (Rio Grande do Sul);

1950 – Escolinha de Arte do Círculo Militar de Santa Maria, sob a direção de Maria Leda Martins de Macedo (Rio Grande do Sul);

Escolinha de Arte Francisco Lisboa, em Cruz Alta, fundada por Teresa Gruber (Rio Grande do Sul);

Escolinha de Arte de Cachoeiro do Itapemirim (Espírito Santo);

1953 – Escolinha de Arte do Recife, em sessão presidida por Anita Paes Barreto, com o apoio da Secretaria de Cultura, e de todo o grupo da escola. Ainda em atividade. (Pernambuco);

Escolinha Municipal de Salvador (Bahia);

Escolinha de Arte de Maceió (Alagoas);

Escolinha de Arte de João Pessoa (Paraíba);

1957 – Escolinha de Arte do Colégio Estadual do Paraná (CEP), localizada em Curitiba, ainda em atividade. (Paraná);

1960 – Escolinha de Arte da Associação Cultural dos ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS – Porto Alegre, por Alice Soares e Rubens Cabral, respectivamente vice-presidente e presidente da nova Associação (Rio Grande do Sul);

1961 – Escolinha de Arte da Divisão de Cultura da SEC, Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), sob a direção de Lygia Dexheimer (Rio Grande do Sul);

1963 – Escolinha Municipal de Arte de Pelotas (Rio Grande do Sul);

Escolinha de Arte de Santa Maria (Rio Grande do Sul);

Escolinha de Arte de Florianópolis – (Santa Catarina);

1965 – Projeto da Escolinha de Arte da Universidade de Brasília (Capital Federal) – Em setembro de 1965, frente à crise instaurada na Universidade, todos os 280

professores pediram demissão, entre eles Ana Mae. A Escolinha que seria inaugurada, não será mais aberta;

1968 – Escolinha de Arte de São Paulo, criada por Ana Mae Barbosa com o auxílio de Augusto Rodrigues e José Mindlin, a única escolinha ligada ao MEA na cidade de São Paulo (SP);

Escolinha de Arte Odessa Macedo (atual Centro de Desenvolvimento de Expressão – CDE). Ainda se encontra em atividade;

1970 – Escolinha de Arte “Tia Leda” – Bagé (Rio Grande do Sul). Ainda em atividade, subsidiada pela Prefeitura.

É importante salientar que algumas dessas Escolinhas continuam funcionando, mas a maioria acabou fechando suas portas por razões diversas. Muito se pesquisa sobre as Escolinhas, a fim de entender como funcionavam e conhecer seu trabalho pedagógico.

2.3 Precursors das Escolinhas de Arte

Augusto Rodrigues (1913/1993):

Um dos principais precursores das Escolinhas de Arte foi Augusto Rodrigues, que nasceu no Recife, a 21 de novembro de 1913. Filho de boa família, era um moleque solto pelas ruas e rios do Recife, brincando com a meninada, fazendo mil e uma invenções. Foi um menino marcado pela dura experiência de escolas repressivas, que queriam meter na cabeça das crianças – por bem ou por mal – um monte de datas, nomes, conceitos, tabuadas, fórmulas. O menino Augusto era inquieto e já se preocupava com educação. Ia visitar outras escolas para ver se tinham coisas melhores do que o que a sua lhe oferecia.

Em 1922, Augusto ingressa num grupo de artistas que inicia um Movimento renovador e realiza o primeiro Salão de Arte Moderna em Pernambuco. Mais tarde, arranjou emprego no atelier de Percy Lau, onde se fazia de tudo: painéis, letreiros,

cartazes, quadros de formatura e serviços de pintura em geral.



Figura 1 – Imagem de Augusto Rodrigues entre crianças, s/d.
Fonte: [Www.HTps://Nazagaenasartes.Wordpress.Com](https://Nazagaenasartes.Wordpress.Com)

Em 1935, Augusto vai a Porto Alegre para ajudar a decorar o pavilhão de Pernambuco na Exposição comemorativa de centenário da Revolução Farroupilha. Depois, fixa-se no Rio, onde continua a carreira de caricaturista iniciada no Diário de Pernambuco, em 1933.

Em 1948, funda a Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro.

Depois de muitos anos dedicados ao Movimento Escolinhas de Arte e a Escolinha de Arte do Brasil, Augusto continuou envolvido com a arte.

Em 1980, escreveu seu primeiro livro “A Fé entre os Desencantos”.

Em 1991, foi lançado em Recife (PE) o livro com sua biografia: Augusto Rodrigues: o Artista e a Arte, poeticamente, de Rosza Zoladz, da Editora Civilização Brasileira, na Escolinha de Arte do Recife.

Em 1993, recebeu homenagens e a ele foi entregue a Medalha Comemorativa Augusto Rodrigues na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Veio a falecer neste mesmo ano.

Augusto Rodrigues tinha articulado um grupo informal de professores e

artistas que estavam sempre discutindo arte e educação. Desse grupo, faziam parte Margaret Spencer e Miss Lois William, também americana, especialista em recreação, que trabalhava no Instituto Brasil-Estados Unidos.

Ana Mae Barbosa, em 2003, escreve como era a pessoa e o educador, Augusto Rodrigues:

Era uma personalidade carismática, seduzindo pela eloquência e pela iconoclastia. Frequentemente usava sua expulsão da Escola como exemplo da ineeficácia do sistema escolar, pois fora bem-sucedido na sociedade apesar da Escola, fazendo as jovens professoras desiludidas do sistema, delirarem. Por outro lado, suas boas relações com a burguesia ou classe alta, protegeram a Escolinha de suspeitas durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1982). Alguns livros sobre artes plásticas na escola, escritos por brasileiros, foram publicados nas décadas de 60 e inícios de 70. Eram, entretanto, redutores, todos eles traziam como núcleo central a descrição de técnicas e me parece que a origem desta sistematização de técnicas foram apostilas distribuídas pela Escolinha de Arte do Brasil nos anos 50. As técnicas mais utilizadas eram lápis de cera e anilina, lápis de cera e varsol, desenho de olhos fechados, impressão, pintura de dedo, mosaico de papel, recorte e colagem coletiva sobre papel preto, carimbo de batata, bordado criador, desenho raspado, desenho de giz molhado etc (BARBOSA, 2003 – <http://www.revista.art.br>anamae>).

A contribuição que Augusto Rodrigues deixou para a Arte/Educação brasileira, foi o estímulo em todos os estados do Brasil, da inclusão da Arte na educação escolar. Merece todo o respeito e a admiração.

Margaret Spencer (1914):

Escultora/ceramista norte-americana deweyiana. Conhecedora das *Progressive Schools* e do movimento de Arte-Educação, já bem desenvolvido nos Estados Unidos, segundo depoimento de Lúcia Valentim. Junto com Augusto Rodrigues e os demais precursores fundou a Escolinha de Arte do Brasil.

Com o tempo, nada mais se soube de Margaret Spencer, foi apagada da história da Arte-Educação no Brasil.

Lúcia Alencastro Valentim (1921):

Artista gaúcha, nascida em Alegrete. Fundadora junto com Augusto Rodrigues e Margaret Spencer, da Escolinha de Arte do Brasil. Também com eles, foi uma das primeiras professoras.

Sua primeira experiência, ainda criança, com o que veio a chamar-se arte na

educação, foi na Fundação Osório, onde Lúcia, estudante da Escola Nacional de Belas Artes, volta anos depois, em 1944, como professora, com a responsabilidade de substituir Guignard.

A seguir, Lúcia Valentim, relata sua experiência com a arte/educação:

O certo é que em 1935 e nos anos seguinte, já encontramos Guignard ensinando ‘desenho’ com um entusiasmo como nunca vi igual e que fazia vibrar as duzentas meninas da Fundação Osório. Nesta instituição para órfãos de militares, situada numa encosta da montanha no Rio de Janeiro, o artista mostrava a floresta, as árvores, as flores, as borboletas: ‘Veja que beleza! ’ – ‘Desenhe uma coisa bonita: o que você quiser! ’ Quem o conheceu sabe que ele só podia falar pouco. Mas tinha os olhos maravilhados de quem vê sempre pela primeira vez; seu entusiasmo era contagioso. O trabalho e a conversa eram animadas na sala, sem vigilância- outra grande inovação para a época- mas tudo corria tranquilamente. Foi a minha primeira experiência, criança ainda, com o que veio a chamar-se arte na educação (RODRIGUES,1980, p. 32)⁵.

Ex-aluna de Guignard na Fundação Osório, ela foi profundamente influenciada pela visão e pelo entusiasmo do mestre, mostrando claramente isso no depoimento acima.

Juntamente com Margaret Spencer e Augusto Rodrigues funda a Escolinha de Arte do Brasil.

Segundo Lúcia Valentim: “Mas a nossa grande mestra foi, sem dúvida alguma a própria criança. Havíamos decidido nos deixar guiar por ela: observar o que ela fazia; examinar como fazia; (...); tudo enfim, diante da oportunidade da atividade artística, foi motivo de estudo, registro e debates (RODRIGUES, 1980, p.35).

Assumi a direção da Escolinha de Arte do Brasil durante uma prolongada viagem de Augusto Rodrigues ao exterior. Influenciada por Guignard, imprimiu uma orientação mais sistematizada à Escolinha e se desentendeu com Augusto quando este retornou ao comando.

Noêmia Varela (1917-Rio Grande do Norte/2016):

Outra figura importantíssima, foi Noêmia Varela, criadora da Escolinha de Arte do Recife e posteriormente diretora técnica da Escolinha de Arte do Brasil, através dos Cursos Intensivos de Arte-Educação que organizava no Rio, foi grande influenciadora do Ensino da Arte em direção ao desenvolvimento da criatividade, que caracterizou o Modernismo em Arte-Educação.

Depois da morte do pai, Augusto Rodrigues conseguiu convencê-la a deixar o Recife, uma cadeira na Universidade Federal de Pernambuco, a própria Escolinha de Arte do Recife e rumar para o Rio de Janeiro. Ela passou a ser a orientadora teórica e prática da Escolinha com total responsabilidade pela programação na qual se incluía o já citado Curso Intensivo em Arte-Educação que formou toda uma geração de Arte Educadores no Brasil e muitos na América Latina Espanhola.

Augusto foi um excelente relações públicas de sua escolinha, comandada na prática e orientada teoricamente por essas três mulheres, das quais Noêmia Varela foi a que mais tempo permaneceu, administrando teoria e prática na Escolinha de Arte do Brasil por mais de vinte anos.

A visibilidade de Augusto Rodrigues foi muito maior que a destas três mulheres, assim como foi maior do que a de sua própria ex-mulher Suzana Rodrigues que criou o Clube Infantil de Arte do museu de Arte de São Paulo no mesmo ano (1948), meses antes de Augusto ter criado a Escolinha de Arte do Brasil.

Helena Antipoff (1892):

Também teve papel importante, na história da EAB, Helena Antipoff, nascida em 1892, na Rússia. Em 1910 foi para a França, onde estudou Medicina, encaminhando-se, na Sorbonne, para a área de Psicologia, procurando orientação para um trabalho com crianças. Em 1929, a convite do secretário da Educação de Minas Gerais, Helena vem para o Brasil organizar o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento em Belo Horizonte. Daí em diante, seu trabalho se ramificou em diversas atividades: educação especial, atendimento pré-escolar, alimentação como base para a educação, Sociedade Pestalozzi, criação de jardins de infância, assistência ao menor abandonado. Convidada pelo Departamento Nacional da Criança, Helena veio para o Rio em 1945. Chefiou o Centro de orientação Juvenil, criou cursos de recreação, teatro infantil, Logopedia e cursos especializados para professores de excepcionais e crianças com desvios de conduta. Criou um dos primeiros cursos de Psicologia em nível universitário no país – o Psicopedagógico – e ensinou no Instituto de Serviços Sociais da Universidade do Brasil. Helena ajudou a trazer ao Brasil uma leva de brilhantes especialistas

estrangeiros, como Claparède, Pierre Bouvet, Jean Bercy, Mira y López e outros.

Para falar da Escolinha de Arte do Brasil, tem-se antes que falar de D. Helena Antipoff. Foi ela que, na década de 40, (por volta de 1945), chamou Augusto Rodrigues para um trabalho conjunto. Augusto veio a ser professor das crianças e adultos na Pestalozzi de D. Helena.

D. Helena, que já nesta época comparava nossas escolas com os quarteis, percebeu o alcance da proposta de Augusto Rodrigues e empenhou-se para que ele desenvolvesse suas ideias. Ela acreditava que a arte, como expressão livre e criadora, era o meio de educação por excelência, e que o artista tinha um papel fundamental na educação – maior que o dos pedagogos e psicólogos.

No período em que trabalhou no Rio, D. Helena manteve contato permanente com Augusto Rodrigues e seu grupo, comungando do seu interesse por educação, arte e criança. Em 1949, convidada por Abgar Renault, volta a Minas para se dedicar ao ensino rural. Dez anos antes, com a ajuda de amigos, ela tinha comprado uma fazenda em Betim, a 25 quilômetros de belo horizonte. Ali instalou outra Sociedade Pestalozzi e o Instituto Superior de Educação Rural.

Em 09 de agosto de 1974 morria, na fazenda Rosário, essa educadora extraordinária que, se fazendo brasileira, orientou sua vida para o entendimento do menor abandonado e do excepcional, voltando-se para o ensino rural e incentivando o artesanato, marcando profundamente a educação, a ciência e a arte no Brasil (Escolinha de Arte do Brasil – INEP, 1980).

Foi com essas pessoas – Augusto, Margaret e Lúcia como professores e um pequeno grupo de crianças – que nasceu a Escolinha de Arte do Brasil. Ainda não tinha nome. Era um pouco mais que uma ideia. Mas o fato concreto de se reunir aquela gente, três, quatro vezes por semana, prova que já era muito mais que uma simples ideia. Era uma semente. Pequena, mas contendo em si toda a potencialidade do futuro.

A Escolinha não nasceu planejada no papel, não teve fundação festiva, com solenidade e discursos, não teve anúncios nem chamou muita atenção. Nasceu como uma pequena experiência viva, fruto da inquietação de um grupo de artistas e educadores liderados por Augusto Rodrigues. Ele e Margaret Spencer – depois

outros professores, que chegavam, gostavam e ficavam – e, principalmente, as crianças. Como faltava uma escola aberta, livre, que desse oportunidade de criação e expressão – um lugar onde as crianças ficassem e fossem felizes – a Escolinha foi criada. Como não havia lugar amplo, o corredor da Biblioteca Castro Alves foi utilizado. Ali as crianças começaram a se reunir com seus professores. Sem horário rígido, sem muitas regras – exceto, talvez, a grande regra de não atrapalhar o trabalho dos outros – e utilizando o material disponível que, aliás, era fornecido pelos professores que acabaram criando uma escola onde pagavam para dar aulas.

Anísio Teixeira (1900/1971):

Professor, educador, criador da Escola Parque de Salvador, secretário-geral da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em 1951 e, a partir de 1952, diretor do INEP (na época, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), foi, sem dúvida, uma das maiores figuras da história da educação no Brasil. Entusiasta da experiência da Escolinha de Arte do Brasil – como se pode ver nos seus textos – ele foi acima de tudo seu grande incentivador e esteve presente nas crises mais difíceis da vida da Escolinha.

Anísio era presença constante nos cursos, conferências, exposições, almoços e festividades da Escolinha. Mobilizava recursos humanos e financeiros nos vários momentos em que a EAB esteve perigando. No contato pessoal, intenso e constante, com Augusto, Noêmia e demais professores e diretores da Escolinha. Anísio, além de amigo, era o mestre instigador e provocante, que levava à reflexão, ao questionamento e ao passo adiante.

Tom Hudson (1922/1997)

Artista e educador, diretor de estudos da Escola Superior de Artes da Universidade de Cardiff no País de Gales, na Inglaterra. Principal discípulo de Herbert Read.

Em agosto de 1971, a convite de Zoé de Chagas Freitas, diretora da Escolinha de Arte do Brasil, que então comemorava 23 anos de existência, Tom Hudson chegava ao Rio de Janeiro, com ampla cobertura jornalística, em sua primeira viagem ao Brasil, para ministrar dois cursos: “Educação Criadora”, direcionado a “professores de crianças e pré-adolescentes”, em que pretendia

“estimular a criatividade inata dos alunos para um melhor rendimento de seus trabalhos”, e o segundo, dirigido a professores de adolescentes e aos que trabalhavam com formação de professores dos cursos “normal” ou “ginasial”, como se denominavam os ciclos fundamental e médio à época, em escolas de arte ou no ensino superior. Depois dos dois cursos no Rio, o professor visitaria ainda, durante o mês de agosto de 1971, centros universitários em Recife, Salvador, São Paulo, Porto Alegre e Santa Maria.

Hudson retornou, ainda, ao Rio de Janeiro, em abril de 1973, novamente a convite de Zoé Freitas para mais uma série de cursos e conferências. Chega em Curitiba, em 5 de abril de 1974, para mais um curso de arte e criatividade no Brasil.

Segundo Augusto Rodrigues,

Tom Hudson, deu cursos na Escolinha de Arte do Brasil/RJ, em 1971, 1973 e 1975. Seu tema central era arte e tecnologia na educação, sob o título geral de “Educação Criadora”, apresentada através de palestras, seminários e atividades criativas. Além do Rio, trabalhou em São Paulo, Brasília e Salvador. No depoimento que enviou por carta, inclui dentre os aspectos de maior importância para o desenvolvimento da EAB, os seguintes, para os quais acredita ter contribuído: * treinamento de professores e especialistas em desenvolvimento criativo para crianças; * fazer da arte-educação matéria no currículo das escolas; * demonstração das possibilidades criativas do desenvolvimento da criança: artístico, pessoal e social; * desenvolvimento de uma rede de arte-educação através do país e na América do Sul (RODRIGUES, 1980, pág. 99).

O professor inglês parecia de fato, viver um caso de amor com o Brasil. Estava perfeitamente atento à situação política e social no Brasil, à censura às artes em meio à ditadura e, do modo como o entendia, ao fato que as pessoas estavam “procurando, adaptando, experimentando novas técnicas e formas de comunicar ideias e pensamentos”.

Ruth Elvira Blank (1926/1983):

Professora, idealizadora e criadora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Uma das escolinhas influenciadas por Augusto Rodrigues.

Natural de Erechim, nascida em 07 de setembro de 1926. Veio para Pelotas para estudar, sendo interna no Colégio Santa Margarida, onde estudou uns três ou

quatro anos. Depois permaneceu na escola, como funcionária na Biblioteca. Formou-se no segundo grau, fez concurso e foi ser professora do Município de Pelotas. Também foi professora do Estado, na mesma cidade.

Ruth Blank ganhou uma bolsa para estudar Arte no Rio de Janeiro, onde reuniam-se pessoas de todo o Brasil. E lá conheceu Augusto Rodrigues, sendo sua aluna em um Curso na Escolinha de Arte do Brasil. Movida pelo entusiasmo de todos com os quais conviveu, teve a ideia de criar uma Escolinha no interior de uma praça, em Pelotas. Já de volta à cidade, levou seu projeto para a Diretora de Educação e para o Prefeito em exercício e eles aceitaram seu projeto. Então, em 1963, a professora Ruth Elvira Blank, criou a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Dedicou-se durante 4 anos ao ensino de arte em Pelotas, através da Escolinha. Em 1967, foi convidada a trabalhar no MARGS e mudou-se para Porto Alegre, mas seguiu mantendo contato com a Escolinha por um bom tempo.

Faleceu com 53 anos, em 30 ou 31 de agosto de 1983.

3 Jornal Arte & Educação

Jornal editado pela Escolinha de Arte do Brasil, estava a cargo de seu departamento de Comunicações, sob a coordenação do Professor Jader de Medeiros Britto. Era um dos principais documentos através dos quais as Escolinhas se interligavam.

O Jornal ARTE & EDUCAÇÃO, foi criado por Augusto Rodrigues, em 1970, a fim de dar subsídios às Escolinhas de Arte espalhadas pelo Brasil e exterior. Através do periódico, mantinham o público informado das tendências atuais da educação, socializavam experiências através da divulgação de pesquisa etc. Para o grupo de professoras e professores da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, assim como para todas as professoras e professores envolvidos com as Escolinhas de Arte, manter-se atualizado e informado sobre a arte-educação e sobre o trabalho desenvolvido na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, era fundamental. Segundo o livro “Escolinha de Arte do Brasil”: A Escolinha sempre publicou textos – traduzidos ou de autores brasileiros – que serviam de subsídios para os diversos cursos e atividades. Textos clássicos para a Escolinha, como “É preciso olhar a vida inteira”, de Henri Matisse, resumos de livros de Herbert Read, o artigo “Ao resto, o resto”, de Augusto Rodrigues e muitos outros foram reimpressos muitas vezes e distribuídos para os alunos e professores que passaram pela Escolinha. Resumos das aulas de professores como Tom Hudson e textos divulgando técnicas e utilização de materiais, como os do curso de Miss Robertson, tornaram-se documentos bastante procurados até por pessoas de fora da Escolinha. Mas, a partir de 1969, começou-se a sentir mais agudamente a necessidade de uma publicação sistemática que fosse porta-voz das ideias da Escolinha e do Movimento da Educação através da Arte. Reuniões de Augusto Rodrigues, Cordélia de Moraes Vital, Zoé Noronha Chagas Freitas e Noêmia Varela concluíram que estava na hora de a EAB editar o seu jornal. Além de divulgar as ideias, seria um meio de analisar experiências e um campo fértil de debates. Jader de Medeiros Britto foi chamado para editar o jornal e começou a reunir material. Em 1970, saiu o número zero de Arte & Educação. Augusto Rodrigues foi editor do número 1 ao 13, Jader do 14 ao 20, sempre assessorados pelo Conselho Editorial que programava as matérias. Dos números 21 a 23, a responsabilidade ficou a cargo de prof. Mauro Costa. Com a

reestruturação do jornal, ele passou a ser patrocinado pela SOBREART, continuando a ser órgão da Escolinha" (RODRIGUES, 1980, p. 103).

No acervo da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, existem exemplares deste Jornal, assim como de Boletins, produzidos pelo MEC ou não.



Figura 2 - Imagem do jornal ARTE & EDUCAÇÃO – setembro – 70.
Fonte: acervo da EMA.

Na sua primeira edição, em setembro de 1970, temos na apresentação um escrito de Augusto Rodrigues dizendo da importância de deixar a criança criar livremente, e como este material irá colaborar para a integração das Escolinhas de Arte, de todo o Brasil e do exterior.

Abaixo, eis a transcrição da apresentação do Jornal.

JORNAL – ARTE & EDUCAÇÃO

Escolinha de Arte do Brasil – Setembro – 70 – ano I

Apresentação:

"Há 22 anos, a Escolinha de Arte do Brasil iniciou entre nós o trabalho pela integração das atividades artísticas no processo educativo, organizando um movimento de âmbito nacional que chegou a ultrapassar nossas fronteiras. Hoje mais de 200 escolinhas de arte, centros culturais e outras organizações, continuam promovendo um movimento de âmbito nacional que ultrapassa as fronteiras do Brasil, integrando o mundo da arte, dando seqüência ao projeto de integração das artes que já era bem sistematizado por Herbert Read em suas teorias.

mais de 50 escolinhas de arte, sem contar aquelas que não temos registro, se espalham pelo País afora, dando sequência aos princípios de uma nova educação através da arte, tão bem sistematizadas por Herbert Read em sua obra clássica.

Matriz desse movimento no Brasil, a Escolinha tem se esforçado no sentido de não faltar com sua presença e sua experiência na formação da criança e do jovem, ajudando a renovar o sistema de ensino, promovendo cursos e estágios para professores em todos os níveis e em vários campos de atividade artística, inter-relacionada com a educação.

Partimos do princípio que toda criança tem necessidade de se expressar livremente. Fazê-la participar da alegria criadora, através de um clima de compreensão e confiança é a melhor recompensa que lhe pode dar o educador. A arte, através de seus símbolos, dá curso ao ajustamento da vida emocional, facilita o exercício da disciplina interior, cria condições propícias à aprendizagem formal da escola porque é fator de integração e de desenvolvimento harmonioso da personalidade.

Hoje tentamos uma reestruturação de nossas atividades; procuramos caminhos novos para ir ao encontro da criança e do jovem do Brasil, através de novas formas de comunicação, auscultando-lhe seus anseios e procurando atendê-los melhor em suas exigências como agentes próximos da era tecnológica que marca o nosso tempo.

Nessa perspectiva, incorporando ao seu trabalho as contribuições da ciência e da tecnologia, pretende a escolinha de Arte do Brasil ampliar suas atividades de pesquisa nas áreas de sua especialidade, estruturadas com a fundamentação e a metodologia científica que lhe são próprias, de modo a estender seu raio de ação e inserir uma dimensão nova em sua função criativa.

Para o registro dessas atividades, e para estimular a comunicação e o Intercâmbio entre as escolinhas de arte do País e do exterior, impunha-se o lançamento do periódico Arte & Educação, órgão da Escolinha de Arte do Brasil, que pretende documentar seu labor criativo, socializar experiências através da divulgação de pesquisa, além de manter o público informado das tendências atuais da educação, inspirada nos ideais de liberdade e criatividade, a serviço da paz (RODRIGUES, Jornal Arte & Educação -1970, p. 1).

Assim, a Escolinha de Arte do Brasil acompanhou a dinâmica dos educadores que queriam criar e difundir as Escolinhas e passou a tornar mais abrangente suas ideias sobre arte-educação”.

Augusto Rodrigues

Segundo Ana Mae Barbosa (2005, p. 17): “Outros programas interessantes que poderiam ser mencionados foram os projetos de arte-educação financiados por ‘Fazendo Artes’ da FUNARTE”. Ótima forma de troca de ideias.

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, possui no seu acervo, as seguintes edições: nº zero, do nº 3 ao nº 10 e, do nº 12 ao nº 15.

BOLETIM - FAZENDO ARTES

O projeto Fazendo Artes foi criado pela Fundação Nacional de Arte em meados de 1980 para apoiar experiências em arte-educação que possam trazer subsídios a professores e educadores de uma maneira geral. As pessoas envolvidas no Projeto (coordenadores, equipes executoras de projetos e consultores) sentiram, desde o início, a necessidade de um instrumento de comunicação com o público para que as experiências desenvolvidas não se esgotassem em si mesmas mas pudessem repercutir e estimular a discussão sobre o assunto (FAZENDO ARTES, 1983, nº zero).

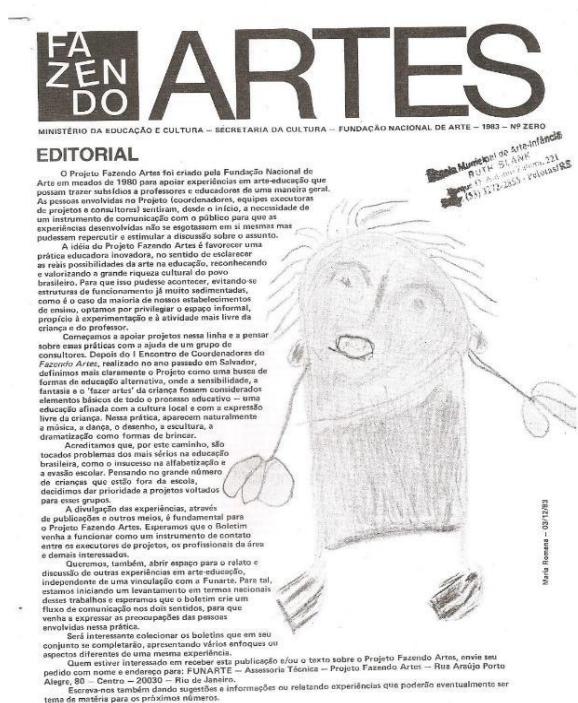


Figura 3 - Imagem do Boletim do MEC – FUNARTE - Fazendo Artes – 1983 – nº zero.
Fonte: acervo da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

BOLETIM – ARTE NA ESCOLA

O boletim Arte na Escola é uma publicação bimestral dirigida aos arte-educadores e instituições participantes do Projeto Arte na Escola, editada pela Pró Reitoria de Extensão da UFRGS e Fundação IOCHPE.

“Com o objetivo de suprir as carências do ensino das Artes Plásticas no currículo escolar, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul vem desenvolvendo o Projeto Arte na Escola, em convênio com a Fundação IOCHPE, visando preparar professores capazes de qualificar o ensino de arte no Brasil”. (BOLETIM ARTE NA ESCOLA, 1993, ed. 2).

O acervo da Escolinha possui algumas edições: Nº 2,4 e 10.



Um longo caminho a percorrer

O segundo boletim do Projeto Arte na Escola traz algumas das questões levantadas pelo IV Seminário de Extensão Arte na Escola e pelo I Encontro de Pólos Regionais realizados concomitantemente em janeiro de 1993. O Seminário foi, como sempre, aberto aos interessados, tendo iniciado com uma brilhante conferência do Prof. Eduardo Péruella Canizal, professor de Semiólogia da Imagem recentemente nomeado Diretor do ECA/USP. Péruella trabalhou as questões de leitura da imagem e os dias seguintes foram destinados a workshops a partir de vídeos da Videoteca Arte na Escola. Na primeira jornada todos os "oficineiros" abordaram, de seu ponto de vista particular, o vídeo "Nervo de Prata" que enfoca a obra de Tunga. No segundo dia cada oficineiro escolheu o vídeo que desejava trabalhar, oportunizando assim a que todos tivessem uma vivência concreta da Metodologia Triangular associada à imagem móvel e possibilitando comparar e contrastar as abordagens. Conduziram as oficinas os professores Sylvio Coutinho (MAC/USP), Amanda Tójal (MAC/USP), Rosa Javelberg (Escola da Vila, SP), Denise Grinspum (Museu Lasar Segall, SP), Maria do Carmo Curtis (ULBRA, RS), Elizabeth Milititsky Aguiar (LFRGS, RS) e Carmen Morales (Atelier Livre, RS). O trabalho das oficinas foi discutido em mesa-redonda conduzida por Denise Vieira (UFRGS, RS), ocasião em que o público pôde dialogar com os arte-educadores. O Seminário foi encerrado com a palestra da Profa. Mariazinha Fusari (ECA/USP) que tratou do tema "O Ensino da Arte na Trama Curricular". Algumas das ideias expressas foram resenhadas para este Boletim. A avaliação altamente positiva deste Seminário dará a formatura do Seminário de encerramento em setembro do corrente ano.

Paralelamente realizamos o I Encontro de Pólos, em que relataram experiências as Universidades Federal do Rio Grande do Sul, Federal de Pelotas, de Caxias do Sul e Estadual de Santa Catarina, esta última fazendo-se acompanhar pelo Colégio de Aplicação da Universidade Fede-

deral de Santa Catarina. Presentes ainda as Universidades de Ijuí (UNIJUI), Faculdades Integradas de Santa Rosa, FEEVALE de Novo Hamburgo, Fundação Universitária de Criciúma (FUCRI), Fundação Universitária de Blumenau (FURB) e Fundação Universitária de Joinville (UNIVILLE). Neste encontro é possível aquilar a disseminação que a Metodologia Triangular vem tendo na arte-educação brasileira e, sobretudo, os níveis de satisfação de docentes e discentes envolvidos na nova prática.

O Projeto Arte na Escola, gerado pela Fundação Iochpe e hoje sediado no Museu Universitário da UFRGS, tem uma extensa agenda a cumprir em 1993, no sentido de se institucionalizar nas várias unidades de ensino superior que compõem a Rede Arte na Escola, promover a difusão deste conhecimento na rede de ensino de 1º grau, avaliar este trabalho e, ao mesmo tempo, subsidialo através da organização de Bancos de Dados e organizações de seminários e encontros.

Nesta etapa, igualmente, a Videoteca começa a merecer maior atenção com a compra de novos equipamentos para a matriz e no esforço em dotá-la de material instrucional próprio, num projeto com o Museu de Arte Contemporânea da USP.

O relacionamento com os museus de arte vem sendo estreitado, uma vez que acreditamos que só se ensina arte através da imagem e que, nesta medida, a relação escola x museu é uma relação não só benéfica como indispensável. Em janeiro, ainda, como atividade paralela, realizamos, em conjunto com o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall e a AAMARGS, o Seminário "Educando no Museu", em que Denise Grinspum trouxe sua experiência na Divisão Educativo-Cultural do Museu Lasar Segall (SP) para o MARGS, reforçando nossa crença de que arte se ensina com arte.



Oficina para professores: em pauta o uso de vídeos sobre arte

Evelyn Berg Iochpe
Superintendente da Fundação Iochpe

Figura 4 - Imagem do Boletim ARTE NA ESCOLA – edição nº 2, 1993.
Fonte: acervo da EMA.

4 Escolinha Municipal de Arte de Pelotas

Você sabia que Pelotas teve uma Escolinha Municipal de Arte?

A comunidade sabe que houve uma escola pública, do Município, aberta a todos, com atividades de arte? Sabe o que aconteceu com esta escola? Que os professores de arte foram remanejados para outras escolas? Que permaneceu na escola, durante algum tempo um único professor de arte? Ex-aluno e depois professor de Modelagem.

Havia uma escola de arte, entre árvores e animais, na Praça Júlio de Castilhos. Sim, havia um mini zoológico em Pelotas. A praça era também chamada de Praça dos Macacos, em homenagem aos que ali habitavam, pendurados nas gigantescas árvores. Cercados por telas, a fim de dar proteção e não deixar que fugissem.

Os pelotenses podem agora se apropriar dessa história e do ensino de arte que era realizado nesta Escolinha. Chamada assim, não como termo pejorativo, mas porque as crianças, lá em 1948, na criação da primeira Escolinha de Arte, assim a chamavam.

A Escolinha esteve entre as muitas do Brasil, que fez parte do Movimento Escolinhas de Arte, da Escolinha de Arte do Brasil.

Onde hoje localiza-se a Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank, recentemente com o prédio reformado, na rua Dr. Amarante, 221 (Parque Dom Antônio Zattera), havia sido construído um prédio específico para funcionar a Escolinha Municipal de Arte.

A escola atual possui uma proposta diferente daquela de 1963-1998, mas procurou manter o nome da primeira diretora, profissionais formados em arte e as Linguagens que eram trabalhadas na época da Escolinha de Arte.

Muitas pessoas desconhecem esta parte da história de Pelotas, então aqui escrevo um pouco sobre esta questão.

Logo a seguir, fotografia que registra os lugares cercados por telas, onde ficavam os animais, na Praça Júlio de Castilhos (atual Parque Dom Antônio Zattera).



Figura 5 - Fotografia do Mini Zoológico - Parque Dom Antonio Zattera, data provável (1960-70).
Fonte: Página Pelotas Antiga (Facebook).

E neste local, mostrado na foto, em meio a tanta natureza, o barulho dos pássaros e dos animais, se misturavam com as risadas das crianças, que passavam algumas horas por semana em contato com tinta, argila, fantoches, histórias, música de piano e outros instrumentos. Professores preparados e coordenados por Ruth Elvira Blank, começaram uma história muito bonita de dedicação e amor à arte.



Figura 6 - Fotografia do Mini Zoológico. Parque Dom Antônio Zattera, data provável: 1970.
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação: UCPEL.

Acima, podemos ver algumas das aves que existiam na Praça Júlio de Castilhos, onde se localizava a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Este ambiente com tanta natureza, proporcionava aos alunos da Escolinha o contato diário durante as aulas e nas atividades realizadas. A ideia da construção da Escolinha Municipal de Pelotas numa praça, não foi sem razão e sim porque isto facilitaria a metodologia que se desejava aplicar. Aquela baseada na observação que a criança realizava das coisas que a cercava e que lhe desse liberdade de expressar-se.

Devido a Pelotas ser uma cidade com muita cultura, arte e educação, não podemos deixar de falar da Escolinha Municipal de Arte, onde estudaram vários pelotenses. Por onde passaram vários professores e professoras de arte, alguns que nem estudaram numa faculdade, mas que se dedicavam a arte. Alunos, que hoje já tem filhos e netos e, que ainda recordam dos momentos vividos na Escolinha. Estas

pessoas não podem passar desapercebidas, pois fazem parte de um período importante do Ensino da Arte no Brasil.

Que histórias e vivências guardou aquela escola localizada numa praça, em meio a natureza, as crianças e aos animais que haviam por ali?



Figura 7 - Fotografia da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas (vista de dentro da Praça), data provável: 1975.

Fonte: acervo da escola.

No prédio mostrado acima, visto de dentro da Praça Júlio de Castilhos (atualmente, Parque Dom Antônio Zattera), podemos ver uma escola aberta para a natureza, sem grades nas portas e janelas. Assim era a Escolinha de Arte.

Quem eram as diretoras da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, desde a sua criação, em 1963 até 1998?

Junho/63 à fevereiro/67 – Ruth Elvira Blank; março/67 à julho/67 – Paula F. Zanotta; agosto/67 à julho/68 – Gelcy Santos; agosto/68 à fevereiro/69 – Maria Antônia Pereira; março/69 à julho/83 – Maria Deborah Traversi Pinto; julho/83 à dezembro/98 – Regina Bergmann.

Quem era o corpo docente e funcionários da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, em 1963?

O documento abaixo, está no acervo da escola e comprova quem foram as primeiras professoras e professores da Escolinha. Infelizmente os livro-pontos desta época não foram encontrados, então este serve como registro.

E — CORPO DOCENTE											
Constituição e distribuição pelas turmas e especializações											
N.º	NOME	Categoria	Classe	Secção	Matr. geral	Matr. real	N.º de alunos promovidos	Licenças	Faltas	Dias letivos	Desfazimento de turma
	Ruth Elvira Blank	efetiva						-	-	178	50
	Yeda Aravjo Pereira	"						-	3	175	16
	Yara Vieira da Conceição	"						-	-	178	5
	Paula Maria Fuhre Zanotta	"					10 dias	-	-	168	13
	Maria Deborah Traversi Pinto	"						-	-	178	8
	Carlinda Pereira Valente	"						-	-	178	11
	Nilda Carpêna Alves Duval	"						-	2	176	3
	Yolanda Langone	"						-	-	178	6
	Aury Alfino	"						-	-	178	-
	Jader Osório Siqueira	"					43 dias	-	-	126	-
	Ema Silva	estabilizada						-	-	178	4
	Gládis Rodrigues Valente	"						-	-	178	11
	Geny Ávila	"						-	-	178	-
	Ivanir Dias	substituta						-	-	104	5
	Walkíria Therezinha Cypriani	"						-	-	104	9
	Maria Betti Sena	estagiária						-	10	168	-

Figura 8 - Lista do 1º Corpo Docente da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, 1963.
Fonte: Acervo da escola.

Através do registro anterior, fui em busca desses educadores. Descobri que Maria Deborah Traversi Pinto faleceu recentemente, Paula Furho faleceu em 2016, aos 86 anos, em Pelotas, Aury Alfino, professora de Música da Escolinha, já tem mais de noventa anos e não mora em Pelotas. As demais não foram pesquisadas.

Entrei em contato com a filha de Aury Alfino, que está intermediando nosso contato. Já fez alguns relatos via internet e enviou a foto a seguir, onde aparecem quase todas as professoras acima listadas.



Figura 9 - Fotografia das professoras no dia da inauguração da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, 1963. Fonte: acervo pessoal de Aury Alfino.

Na foto acima, professoras no dia da inauguração da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, em frente à escola (olhando de dentro da praça). Da esquerda para a direita, Gladys Ernst, Aury Alfino, Carlinda Valente, Iolanda Leal, Maria Deborah Pinto, Iara Conceição, Ieda Pereira, Elza Zanotta (Diretora da Educação), Geny Ávila, Walkíria Therezinha Cypriani, Paula Zanotta, Ema Silva, Maria Beti Sena, Nilda Mourgues e Ivanir Dias.

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas realizava muitas exposições dos trabalhos realizados pelas crianças e adolescentes durante as aulas da manhã e da tarde e, pelos adultos, nos cursos noturnos. Além de realizá-las em sua própria sede, também as realizava em outros locais, como: Salão da Biblioteca Pública de Pelotas, Grande Hotel, Salão Nobre da Prefeitura e etc.

Durante uma das exposições da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, foto tirada de algumas professoras e visitantes. Da esquerda para a direita: Regina Weykamp da Cruz, Maria Antonia Pereira, Ligia Costa, Nilda Mourgues, Maria Thereza Mello Xavier, Maria Antonieta Maduell, Aury Alfino, Cecy Soltes, Gelcy Ávila Santos, senhora (mãe de uma professora) e alunas.



Figura 10 - Fotografia das professoras da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Data provável: 1967/68.

Fonte: acervo da escola.

A fim de mostrar mais algumas professoras e um professor, que fizeram parte da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, logo a seguir, fotografia mais atual, de 1989.

Da esquerda para a direita: Yara Conceição, Gladis Ernst (vestido listrado), Gelcy (blusa branca e óculos) e Geny Ávila, Maria Deborah Traversi Pinto, José Carlos Martins, Aury Alfino, Alice Maria Szezepanski, Lívia Coutinho



Figura 11 - Fotografia das professoras e funcionárias, 1989.

Fonte: acervo da escola.

Observa-se nesta foto acima, o clima de alegria entre o grupo de professores, que estavam sempre confraternizando entre eles e a comunidade, dos familiares dos alunos da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Atrás dos professores, podemos ver exposição de fotos da Escolinha e desenhos dos alunos.

Logo a seguir, mais algumas fotos das professoras, do professor e das funcionárias da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. A diretora na época era Regina Bergmann, que foi entrevistada durante esta pesquisa e deu o seu depoimento sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, sua história e o ensino de arte.



Figura 12 - Fotografia das professoras, professor e funcionárias, s/d.
Fonte: acervo da Escola.



Figura 13 - Fotografia das professoras, professor e funcionárias, s/d.
Fonte: acervo da Escola.

4.1 Criação da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas

Tudo começou em Pelotas, em 3 de julho de 1962. O vereador Getúlio Dias, solicitou ao presidente da Câmara, a inserção nos Anais da Casa, do discurso proferido pela Exma. Professora Ruth Blank, por ocasião da inauguração do Primeiro Salão de Arte Criadora Infantil das Escolas Municipais de Pelotas. E em 6 de julho, o presidente, Celso Sellas, enviou um ofício à Professora Ruth Blank, dizendo que a proposta do vereador havia sido aceita.

Em outubro de 1962, a prof^a. Ruth Elvira Blank, solicitada pela sra. Diretora de Educação, Elza Zanotta, frequentou em Porto Alegre no período de 08 de outubro à 8 de novembro, o Curso Intensivo de Arte na Escolinha de Arte da Divisão de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Ministraram o referido curso, grandes e abalizados educadores nacionais e estrangeiros.

Em 11 de março de 1963, a Diretora da Educação na data, Elza Zanotta Nunes, escreveu um ofício ao Prefeito Municipal Dr. João Carlos Gastal, solicitando que fosse criada uma “Escolinha de Arte Municipal”. Obedeceria a orientação da “Escolinha de Arte do Rio de Janeiro”, do professor Augusto Rodrigues. Seria construída as dependências da Escolinha, no Centro de Recreação da Praça Júlio de Castilhos, anexada as instalações já existentes. Visaria atender o maior número de crianças, adolescentes e adultos, em três turnos: manhã, tarde e noite, sendo orientada por professores municipais, devidamente preparados.

Em 15 de março de 1963, a professora Ruth Elvira Blank, coloca no papel o “Plano de Criação de uma Escolinha de Arte no Município de Pelotas⁵, contendo os seguintes itens: Justificativa; Finalidade; Objetivos Gerais e Meios de Desenvolvimento”.

No dia 25 de março de 1963, iniciou um curso de treinamento, com a aula inaugural, no Conservatório de Música, ministrada pela diretora da Escolinha de Arte da Divisão de Cultura de Porto Alegre, professora Lygia Dexheimer, às 14 professoras: Yeda Araújo Pereira, Yara Vieira da Conceição, Paula Maria Fuhro Zanotta, Maria Deborah Traversi Pinto, Carlinda Pereira Valente; Nilda Carpena

⁵ Documento escrito por Ruth Elvira Blank, em 15 de março de 1963 (Anexo F).

Alves Duval, Yolanda Langone, Aury Alfino, Jader Osório Siqueira, Ema Silva, Gladis Rodrigues Valente, Ivanir Dias, Walkíria Terezinha Cypriani e Maria Beti Sena e foi ministrado pela Diretoria de Educação. Houve preparação de súmulas de todas as aulas dadas. Aulas teóricas e práticas. O referido curso estendeu-se até 12 de julho.

A justificativa do Curso: “Para realizar a experiência de uma Escolinha de Arte, será necessário adaptar e atualizar os membros da equipe a serem convidados. Com base nas informações atualizadas, levar o grupo a agir coerentemente modificando conceitos de Arte ultrapassados. Não basta o professor ser informado de que o valor principal do trabalho em arte está na experiência criativa, será preciso que ele estude profundamente o caso para se convencer dessa verdade. E além de crer nessa verdade, aja de acordo com a mesma”.

As professoras convidadas devem desenvolver toda a programação e apresentar o material de todas as atividades no final do curso. Também, podem, se assim desejarem, por não se sentirem chamadas a atuar no campo moderno das Escolinhas de Arte, voltar às escolas onde exerciam suas funções como professoras primárias.

O Curso constou das seguintes matérias e dos seguintes professores: Psicologia Evolutiva, ministrada pela professora Carmen Anselmi Duarte; Recreação, pela professora Zaira Kirst; Teatro Infantil, pela professora Yolanda Nunes; Literatura Infantil e Arte de Contar Histórias, pela professora Irene Bolais; Iniciação Musical e Bandinha Rítmica, pela professora Ruth Nunes; Modelagem e Artes Plásticas, pela professora Geny Ávila e História da Arte e Atividades Criadoras, pela professora Ruth Blank. O curso foi orientado e dirigido pelas professoras Geny Ávila e Ruth Blank.

Em 24 de outubro de 1963, no decreto nº 483, o Doutor João Carlos Gastal, Prefeito de Pelotas, usando das atribuições que lhe são conferidas pela Lei Orgânica do Município, decreta que, fica criada a Escolinha Municipal de Arte, que funcionará em prédio próprio, especialmente construído, à Praça Júlio de Castilhos, Recanto Infantil.

No dia 26 de outubro de 1963, às quinze horas, no prédio situado no interior da Praça de Esportes Júlio de Castilhos, na presença do Exmo. Sr. Dr. João Carlos Gastal, D.D. Prefeito Municipal, da Professora Elza Zanotta Nunes, D.D. Diretora de

Educação, altas autoridades e representantes do Magistério Pelotense, realizou-se o ato inaugural da Escolinha Municipal de Arte, contando ainda com a presença de grande número de assistentes.



Figura 14 - Fotografia da fachada da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas – EMA, 1963.
Fonte: acervo da escola.

Na fotografia acima, vê-se a fachada da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, olhando-se de dentro da Praça Júlio de Castilhos. A Escolinha possuia uma sala de aula, sala do forno “mufla”, cozinha, banheiro e sala da Direção. O forno mufla era usado para a queima dos trabalhos realizados em argila. Assim, as peças confeccionadas ficavam mais duráveis.

Em 1972, a Escola sofreu uma ampliação e reforma, no governo do Prefeito Professor Francisco Alves da Fonseca. Era Diretora de Ensino, na época, Ana Maria de Oliveira Costa e a Diretora da Escolinha, era Maria Deborah Traversi Pinto. A reinauguração foi realizada no mesmo ano, com um novo salão e sanitários e, mais a restauração geral da Escolinha, sob responsabilidade do engenheiro Geraldo Delanoy. Deste ano até 1998, a escola manteve-se com a mesma estrutura.

Abaixo, a fotografia da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, no mesmo local, mas reformada e ampliada.



Figura 15 - Fotografia da ampliação e reforma da EMA, 1972.
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação da UCPEL.

Em 1983, vinte anos após a inauguração da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, um grupo de professores e pais tiveram a ideia de homenagear a idealizadora e criadora da Escolinha, Professora Ruth Blank, e fizeram um abaixo assinado, enviando ao prefeito da época, Dr. Bernardo Olavo Gomes de Souza, solicitando que alterassem o nome da escola para: Escola Municipal de Arte Ruth Blank. Mas esta alteração não ocorreu.

Só seis anos depois, em 1989, saiu um novo decreto (Nº 100/89), onde o Presidente da Câmara, Sr. Rubens Ávila Rodrigues no uso de suas atribuições, decreta que a escola passará a denominar-se Escola Municipal de Arte Profª. Ruth Blank, a anteriormente chamada Escolinha Municipal de Arte. Este decreto entrou em vigor na data de sua publicação, em 07 de novembro de 1989.



Figura 16 - Fotografia da Professora Ruth Blank (1^a da direita para a esquerda), s/d.
Fonte: acervo da escola.

A fotografia acima mostra a idealizadora e primeira diretora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, Ruth Elvira Blank. A primeira senhora da direita para a esquerda, de roupa clara.

4.2 Metodologia da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas

Metodologicamente, a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas foi um espaço de várias experimentações. As professoras e a diretora, sempre planejando, discutindo, estudando, refletindo e avaliando, durante as reuniões semanais e nas demais reuniões realizadas. Também estavam sempre se atualizando, através da participação em eventos e cursos. Assim, pode-se dizer que todos visavam um aprofundamento de questões relativas a liberdade de expressão.

Segundo o Jornal Diário Popular, de 1963:

A Escolinha de Arte visa desenvolver capacidades. Não tem intenção de formar artistas, mas educar pela arte, estimular a auto expressão através de atividades artísticas e recreativas. Tudo isso, partindo das necessidades da criança e não de um sistema de ensinamento, previamente estipulado. A Escolinha de Arte tem por objetivo, entre outras coisas, tornar a criança feliz e o adulto mais sensível à arte (JORNAL DIÁRIO POPULAR, 1963, p.14).

Através desta notícia e nas falas das professoras entrevistadas, vê-se claramente qual a intenção da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas: o desenvolvimento da capacidade criadora partia da criança.

As professoras estudavam, pesquisavam, se reuniam, a fim de saber como aproveitar os momentos de criação das crianças. Levantavam situações problemas para elas resolverem, como, por exemplo, observar e tocar nas folhas das árvores e sentir suas diferenças, e depois, se quisessem, desenhá-las. Ver suas cores e tamanhos diferentes.

Assim, para Meira e Pilotto (2010),

(...) manifestar-se por meio da expressão artística significa para a criança o prazer e o aprender sobre suas capacidades de produzir e de materializar suas vontades. Ajuda a compreender a si mesma, aos outros, às obras sociais e à própria pedagogia como parte de um ritmo constante em suas construções (MEIRA; PILOTTO, 2010, p.16).

Quanto a citação acima, é possível dizer que a expressão artística vista deste modo, tem tudo a ver com o trabalho realizado na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

As professoras da Escolinha sustentaram a escuta e a observação dos interesses das crianças, e não apenas nos dos adultos, pois, como Meira e Pilotto (2010, p.45) dizem: “ao planejarmos nossas aulas, levantamos hipóteses do que eles necessitariam aprender. No entanto, por vezes estamos mais preparados com o que desejariamos que eles aprendessem, do que sobre seus verdadeiros interesses e prazeres”.

O papel do professor que trabalha com as Linguagens da Arte, é ter uma formação estética, além do requinte da percepção e da sensibilidade, por meio do estímulo à criatividade e à inovação, da autodeterminação e na apreciação da arte; conduzir os alunos de forma que estes se sintam livres para criar, oferecendo-lhes oportunidades diversificadas.

Segundo Marly Meira:

O papel político do professor como um mediador estético depende de sua consciência sobre as questões fundamentais que nas artes se traduzem como elementos sensíveis. A forma, a plasticidade, as cores, as texturas, as combinações que resultam das interações têm uma sensibilidade, o universo do imaginário, onde a palavra divide com a imagem admiráveis intercâmbios. Isso repercute, de modo direto e indireto, no plano dos valores e das atitudes. Pouco adianta, para esse professor, estar informado sobre essa ou aquela metodologia, dominar as informações técnicas e teóricas relativas ao mundo da arte, se ele não souber refletir esteticamente sobre o sentido dessa produção (MEIRA, 2014, p. 116-117).

Estas palavras, de Marly Meira, mostram como os professores de arte tem que ser sensíveis, e as professoras da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas tinham que ter essa sensibilidade e noção de estética para lecionar, tinham que estudar, se preparar, refletir constantemente sobre o seu trabalho e o sentido da produção dos alunos.

4.2.1 Como era o Ensino de Arte na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, contado por eles, personagens da história da Escolinha

Regina Bergmann (ex-professora e diretora), conta que “na Escolinha Municipal de Arte, de Pelotas, fazíamos rodízio nas Linguagens a serem trabalhadas. Não tinha uma professora sempre com a mesma atividade. A não ser as de música, que eram tituladas. A professora de música podia dar qualquer outra atividade, mas qualquer outra professora não podia dar aula de música. Mesmo assim, a gente fazia rodízio das atividades. Eu dei Pintura e Desenho, eu dei Literatura, eu dei Modelagem, eu dei Teatro. Sempre rodando. Até para a criança é bom. Ela se torna mais ou menos criativa, dependendo da pessoa que está orientando. Não conheci Augusto Rodrigues, mas as professoras mais antigas falavam muito dele e seguiam suas ideias. Havia planejamentos e reuniões, organizando a semana. Na hora, a criança tinha esta liberdade de fazer. A gente era muito disso. Depois que a criança desenhava e ia nos mostrar, pedíamos para ela contar o que havia criado”.

De acordo com as palavras de outra ex-professora, Regina Weykamp: “A fundamentação básica da Ruth, como criadora da Escolinha, era Augusto

Rodrigues. Era sua pupila e seguidora. Sempre nos dizia para seguir os passos do Augusto. Acreditava na arte como formação. Ela nos dava textos e a gente tinha que estudar para dar aula. Fomos, em 1972, eu e mais algumas professoras num Encontro Internacional de Escolinhas de Arte, no Rio de Janeiro, e lá tivemos que expor o que realizávamos aqui em Pelotas”.

O professor Carlos Alberto Ávila Santos (ex-aluno), fala na entrevista: “As Escolinhas de Arte foram criadas em 60/70. Noêmia Varela; Augusto Rodrigues. Política americana. Ideologia americana. Tom Hudson, teórico da área, propunha atividades extraclasses que visavam o *laissez-faire*⁶. Deixar fazer. Aqui na Escolinha, as tardes que eu passava lá, as atividades eram divididas em várias etapas. Pintura (se pintava relativo ao que se tinha visto na Literatura). Outro momento: Música. Piano, instrumentos musicais. Alternavam as atividades. Desenho e Pintura, Literatura (contos, historinhas), Modelagem, Música e Teatro de Fantoches. Essas eram as atividades básicas. A ideia era essa, que as atividades despertassem a questão da criatividade, que ao mesmo tempo, incluísse questões teóricas, tipo cores primárias, formas geométricas. O conteúdo era esse”.

Liberdade de Expressão:

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, assim como as demais Escolinhas de Arte, baseadas nos ensinamentos de Augusto Rodrigues, eram lugares onde se podia (e algumas ainda podem) exercer a liberdade de expressão.

Segundo Herbert Read (1986, p.19): “crianças possuem uma arte, isto é, através de imagens visuais e plásticas próprias ao seu estágio de desenvolvimento mental [...] e não devem ser julgadas pelos padrões adultos”.

Alguns adultos julgam as produções das crianças e os resultados obtidos; querem desenhos bonitos, com formas definidas e a criança quer o que quis fazer, não importando o resultado.

Conforme diz Duarte Jr.:

Para a criança, até o princípio da adolescência (por volta de 12 ou 13

⁶ *Laissez-faire* é a contração da expressão em língua francesa *laissez faire*, *laissez aller*, *laissez passer*, que significa literalmente “deixai fazer, deixar ir, deixar passar”. Usa-se eventualmente a expressão *laissez-faire* para indicar o fazer pelo fazer, sem sentido algum (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/laissez_faire>, acesso em: 22/05/2016).

anos), a arte reveste-se de caráter um tanto diverso, que precisamos especificar. O ponto fundamental dessa diferença reside no fato de que, para ela, a arte se constitui muito mais numa *atividade*, num *fazer*, do que num objeto a ser fruído. A arte tem-lhe importância na medida em que constitui uma ação *significativa*, ou *significante*, e não por proporcionar-lhe oportunidades para a experiência estética. A atividade artística, no mundo infantil, adquire características lúdicas, isto é, tem o sentido do jogo, em que a ação em si é mais significante que o produto final conseguido. Não se pode encarar a arte infantil sob o prisma da estética, ou seja, do ponto de vista da produção de objetos belos e harmoniosos. Antes, é preciso considerar o produto em relação ao caminho percorrido na sua elaboração; em relação à atividade significante e expressiva que lhe deu origem (DUARTE JR., 1981, p. 102).

A partir desta fala, constata-se que era esse o entendimento das professoras quanto ao trabalho final dos alunos na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Considerava-se o momento da execução e não o produto final. O importante é o que as crianças vivenciavam, enquanto estavam realizando o trabalho. Muitas vezes, aos olhos dos outros, o trabalho final não fica belo, mas para o aluno foi feito com vontade e para ele está lindo.

Um dos problemas enfrentados nas escolas e nas famílias, é que alguns adultos corrigem os trabalhos das crianças, ou seja, dizem, por ex.: “uma árvore não pode ser assim” ou “tens que arrumar”.

No dizer de Duarte Jr.:

Quando, na atividade artística, a criança organiza suas experiências e se comprehende, ela está *criando um sentido para sua vida*, a partir de seu meio e dos materiais de que dispõe. O que significa uma atividade livre, independente, contrária à situação de imposição de sentidos da educação “bancária”. É de se notar, contudo, que mesmo em termos artísticos a educação impositiva vem se fazendo presente. E se faz presente quando o adulto procura “corrigir” ou “orientar” a produção da criança (DUARTE JR., 1981, p. 104).

Quando algum adulto corrige a obra da criança, ele está impondo o seu entendimento pela atividade proposta e não respeita a expressão da criança. A ideia das Escolinhas de Arte, inclusive a de Pelotas, era não interferir na criação das crianças e dos adolescentes.

De acordo com Fayga Ostrower (1987, p. 130) a criança e o adulto possuem criatividades diferentes; “nas crianças, o criar – que está em todo o seu viver e agir – é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda

principalmente a si mesma".

Segundo Duarte Jr.:

Desenhandando, pintando, esculpindo, jogando papéis dramáticos, etc., a criança seleciona os aspectos de suas experiências que ela vê como importantes, articulando-os e integrando-os num todo significativo. Assim, ela busca um sentido geral para sua existência, percebendo o seu "eu" como um todo integrado e relacionado a seu ambiente (DUARTE JR., 1981, p.102).

Todas estas atividades que Duarte Jr. relata na citação acima, faziam parte das Linguagens desenvolvidas na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

O conhecimento da arte na infância, significa, num primeiro momento, o contato da criança com seu mundo expressivo, seja do ponto de vista verbal, plástico ou corporal. É na infância que desperta o desejo pela descoberta e pelas fantasias. A partir disso, a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas tinha em sua filosofia, uma educação libertadora com o propósito de levar a criança a se expressar livremente, sentindo-se realizada. Por se encontrar dentro de uma Praça, o ambiente propiciava oportunidades para a experimentação, a criação, a construção, a ludicidade, tornando-a mais crítica em relação ao mundo que a cercava.

Conforme nos diz, Ferraz e Fusari, houve uma confusão entre a "liberdade de expressão" e o "deixar fazer":

Por volta dos anos trinta a quarenta, a Pedagogia Escola Nova desloca o centro do processo ensino-aprendizagem para o aluno, considerando-o como um ser pensante. No caso do ensino de arte, é o período em que se fala na livre-expressão, na individualidade da criança, porém, em muitos casos, é confundido com o 'deixar fazer' qualquer coisa, indiscriminadamente e sem orientação. Ou seja, essa prática influenciou um ensino livre sem compromisso, 'onde tudo era permitido (FERRAZ; FUSARI, 1992, p. 35).

Várias pessoas confundem a livre-expressão difundida nas Escolinhas de Arte, com o laissez-faire. A primeira está baseada em muitos estudos, Encontros, discussões, leituras. As atividades realizadas tinham uma fundamentação teórica. Sobre o *laissez-faire*, pode-se dizer que era uma metodologia totalmente diferente da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas e das demais Escolinhas.

"A ideia de livre-expressão, originada no expressionismo, levou a ideia de que

a Arte na Educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seus sentimentos e a ideia de que Arte não é ensinada, mas expressada" (RODRIGUES, 1980, p.109).

Dar condições da criança se expressar era a ideia da livre-expressão, deixar as crianças serem espontâneas na realização de suas criações plásticas.

Para Augusto Rodrigues "*muitos observadores desconfiavam que a liberdade que oferecíamos à criança pudesse desajustá-la e dificultar sua integração na escola comum. Com o tempo verificou-se, todavia, que a criança, com experiência da Escolinha, amadurecia, ficando mais ajustada para receber os conhecimentos formais e acertar certas limitações da escola tradicional*".

4.2.2 As Linguagens do Ensino de Arte da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas

De acordo com as atas e outros documentos do acervo da Escolinha, as linguagens trabalhadas eram: Desenho e pintura; Música; Literatura; Recreação; Teatro e Modelagem. Também houve um período em que tiveram Expressão em Madeira. Ao longo do tempo retiraram a Recreação e a Expressão em Madeira.

DESENHO E PINTURA

O desenho e a pintura são formas de expressão. Desenhar e pintar é tão importante quanto aprender a falar ou a escrever.

Segundo Regina Weykamp, professora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, a orientação em Desenho e Pintura era fazer os alunos observar: tudo tem um fundo por trás, tudo está assentado em alguma coisa, apoiado. Não chegar e dizer para o aluno: - Tem que fazer uma casinha em cima de um chão. Não é isso! Eles já sentiam desde pequenininho.

Assim pensava também, Claparède, que o professor não deveria mais ser o transmissor de conhecimentos e deveria a partir de então,

Ser um estimulador de interesses, despertador de necessidades intelectuais e morais. Em vez de ser o transmissor do conhecimento, deveria auxiliar os alunos na aquisição dos seus próprios conhecimentos possuídos por ele mesmo, ajuda-los a adquiri-los por si mesmos, através de trabalho e de pesquisas pessoais (CLAPARÈDE, 1961, p. 127).

A figura abaixo mostra uma aula de Pintura com a professora Yara Conceição, onde os alunos demonstram muita descontração e alegria.



Figura 17 - Fotografia da aula de Pintura com a professora Yara Conceição, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.
Fonte: acervo da escola.

Abaixo, outra fotografia de uma aula de Pintura, com a professora Maria Deborah Traversi Pinto, onde os alunos demonstram muita concentração. Usavam avental, a fim de não sujar com tinta a sua roupa. Recebiam folha, pincel, paninho, pote com água e tinta.



Figura 18 - Fotografia da aula de Pintura com a professora Maria Deborah Traversi Pinto, s/d.
Fonte: acervo da escola.

Conforme Derdyk (1989, p. 51), “O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar”.

A figura a seguir mostra uma aula de Desenho, onde os alunos tinham a liberdade de criação, manuseando lápis de cor, giz de cera. Cada criança criava suas obras de arte. Suas carinhas demonstram muita satisfação e alegria.



Figura 19 - Fotografia da aula de desenho com giz de cera, s/d.
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação da UCPEL.

Segundo Derdyk (1989, p. 19): “A criança enquanto desenha canta, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário”.



Figura 20 – Desenho realizado na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.
Fonte: acervo da escola.



Figura 21 - Desenho realizado na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.
Fonte: acervo da escola.

As duas figuras anteriores, mostram desenhos com canetas hidrográficas e giz de cera. Fazem parte do acervo da escola e foram feitos pelos alunos da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

“Seus rabiscos provêm de uma imensa atividade do imaginário. O corpo inteiro está presente na ação, concentrado, na pontinha do lápis. Esta funciona como ponte de comunicação entre o corpo e o papel” (DERDYK, 1989, p.63).

TEATRO / TEATRO DE FANTOCHES

As professoras da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas confeccionaram vários fantoches, a fim de realizar as apresentações. Criaram também histórias para os personagens. Assim como, criaram personagens para as histórias. Eis alguns títulos das histórias: “Pipoca e Rapadura”, “A gripe do Elefante”, “Plutinho e Plutão”, “O Acendedor de Lampiões”, entre outras.

Segundo Regina Weykamp: “O Teatro abrangia uma série de coisas. No início, fundamentalmente, foi só Teatro de Fantoches, porque era a maneira de atrair a criançada que a gente atendia: de 3-5; 6-8; 9-12 e adolescentes. Então o Teatro era uma maneira muito expressiva deles se comunicarem, vendendo Pipoca e Rapadura (fantoches – palhaços). Todos foram criados na frente daqueles alunos. Quem criou esses personagens foi a Gladis Ernst. Os nomes foram escolhidos pelos alunos da época. Surgiu a história da pipoca estourando na panela. E aí ficou a história do Pipoca (palhaço). E aí tinha que ter um companheiro, e veio o Rapadura (outro palhaço). Que não era pipoca, mas também pulava. Na hora do Teatro de Fantoches, sempre se precisava de mais uma professora. Não era um fantocheiro só, trabalhando com as duas mãos. Então, sempre, o Zé Carlos era o único homem no grupo. Chamávamos: - Zé Carlos, vêm! O soldado que salvava a Pedrita era sempre o Zé Carlos. Nada de mudar a voz, nada de se esganiçar, nem de voz modificada. Lá atrás, falar com voz diferente. O Teatro era uma maneira muito expressiva deles. Então, como vimos, o teatro partiu dos fantoches, depois, foi entrando a Expressão Corporal”.

A seguir a fotografia do Fantoche Pipoca, criado por Gladis Ernst, professora

da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Era um dos principais personagens do Teatro de Fantoches.



Figura 22 - Fotografia do Palhaço Pipoca – fantoche confeccionado pela professora Gladys Ernst.

Data: 1997.

Fonte: acervo pessoal de uma ex-aluna.

Abaixo, a fotografia do amigo do fantoche Pipoca, o fantoche Rapadura. Também personagem muito querido pelas crianças.



Figura 23 - Fotografia do Palhaço Rapadura – fantoche confeccionado pela professora Gladys Ernst.

Data: 1997.

Fonte: acervo pessoal de uma ex-aluna.

Estes dois personagens davam início a todas as apresentações de fantoche na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Havia uma música que as crianças sabiam de cor e que cantavam para eles aparecerem. Havia muitos outros personagens, o fantasma e o guarda, da Peça: "O Acendedor de Lâmpiões"; o elefante e a enfermeira, da peça: "A gripe do elefante", etc.

As filhas da Regina Bergmann, lembram do Pipoca e do Rapadura, fantoches de porongo, que eram palhaços, e a professora Regina lembra do Teatro de Fantoches e, das peças acima.

A Prefeitura proporcionava cursos e Encontros. Regina Bergmann disse em sua entrevista: "a Prefeitura ofereceu um Curso em Canela, sobre Teatro de Bonecos". As professoras eram convidadas a fazer Teatro de Fantoches, em eventos. As pessoas que organizavam pediam para a escola se apresentar.

Abaixo, a fotografia de uma apresentação de Teatro de Fantoches, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. A professora, nesta época era Seli Maurício. Em cena, os fantoches amigos Pipoca e Rapadura, já mencionados acima. As crianças aparecem na imagem, demonstrando muita atenção.



Figura 24 - Fotografia da apresentação do Teatro de Fantoches. Palhaços Pipoca e Rapadura s/d.
Professora Seli Maurício.
Fonte: acervo da escola.

Alguns ex-alunos com os quais entrei em contato durante a pesquisa, disseram não esquecer, principalmente, desses dois fantoches e da música que eles cantavam.

Personagens, como: Bruxas, Fadas, Animais, Meninas e Meninos, faziam parte desse Universo de imaginação e de sonhos das crianças. Alguns confeccionados por elas próprias, como vemos na fotografia a seguir.



Figura 25 - Fotografia do Teatro de Fantoches. Personagens confeccionados pelos alunos, s/d.
Fonte: acervo da escola.

Os fantoches eram feitos com porongo e os detalhes, como: olhos, boca, nariz, sobrancelha e cabelo com massa de papel machê (preparada pelas crianças). Depois eram pintados com um fundo branco ou deixados ao natural, só pintando os detalhes. Colocava-se uma roupa de tecido (estilo fantasma). As crianças criavam seus próprios personagens, davam-lhe nomes e, depois de secos, podiam apresentar-se para os colegas.

Na fotografia a seguir, alguns alunos confeccionando seus fantoches.



Figura 26 - Fotografia dos alunos confeccionando seus fantoches, s/d.
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação da UCPEL.



Figura 27 - Fotografia dos alunos com seus fantoches, s/d
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação da UCPEL

Acima, fotografia de uma turma de alunos com os fantoches confeccionados por eles mesmos. Vê-se a felicidade por terem suas criações em suas próprias mãos.

TEATRO - EXPRESSÃO CORPORAL

O teatro e a expressão corporal desenvolvem a socialização, a desinibição, a fala, a motricidade ampla, etc. As crianças gostavam muito de fazer Teatro, Teatro de Fantoches, Dança, Brincadeiras com o corpo, onde podiam se manifestar de todas as formas.

Regina Weykamp, em sua entrevista, coloca: “Eu e a Gladis fizemos um curso com o José Abreu, hoje ator da Globo. Veio ele e a esposa Naira Kaizermann e deram um curso no parque Tênis Clube, de Expressão corporal. E nós fizemos para poder trazer uma Expressão Corporal mais fundamentada, com técnicas. E foi muito bom, muito bom mesmo. É aí que a gente vê como Expressão Artística mesmo natural, sem ser só de Bonecos, é muito bom, também”.

Podemos observar na fotografia abaixo, um grupo de alunos da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, no pátio do Asilo de Idosos (que fica até hoje, quase em frente à escola) durante uma apresentação de Teatro, Expressão Corporal e dança.



Figura 28 - Fotografia de apresentação teatral, no Asilo de Mendigos, 1975.
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação da UCPEL

Apresentação de Peça teatral, baseado na história “Sapo vira rei, vira sapo” – Coleção Taba. Palco montado na frente da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, na Praça Júlio de Castilhos.



Figura 29 – Fotografia de apresentação teatral, em frente a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, no Parque Dom Antonio Zattera, s/d.

Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação - UCPEL.

MÚSICA

Regina Weykamp diz na sua entrevista: “Na música: Bandinha; Identificação de instrumentos, de sons, a natureza, ir para rua, meio da praça, ouvir apito de jogo de futebol, deitar na grama, ouvir os pássaros. Identificar tudo o que ouve”.

Na fotografia a seguir, aula em rodinha, onde os alunos manuseiam instrumentos musicais, como: tambores, chocinhos, reco-reco, etc.



Figura 30 - Fotografia da aula de Música, utilizando os instrumentos musicais. Bandinha, s/d.
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação - UCPEL.

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas possuía um piano e manteve ele até 1998. Muitas vezes a professora Aury utilizava-se dele para dar suas aulas, enriquecendo o trabalho e fazendo os alunos conhecerem e escutarem o som que este instrumento musical tão lindo, proporciona.

Na seguinte fotografia, aula de música ministrada pela professora Aury Alfino e outra professora: Regima Weykamp.



Figura 31 - Fotografia da aula de Música na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.
Fonte: acervo da escola.

Na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, também havia um Coral, constituído e regido pela professora Aury Alfino Muller. As alunas e os alunos possuíam um uniforme. O coral era convidado para se apresentar em vários eventos.

As próximas duas fotografias exibem dois momentos em anos diferentes, um dentro de um recinto e o outro ao ar livre. Na primeira fotografia, a professora Aury Alfino aparece recebendo flores em sua homenagem pela apresentação realizada e pela dedicação a esse trabalho tão enriquecedor para as crianças.



Figura 32 - Fotografia do Coral da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.
Fonte: acervo da escola.



Figura 33 - Fotografia do Coral da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.
Fonte: acervo do Centro de Pesquisa de Documentação - UCPEL.

MODELAGEM

Atividade manual que desenvolve, simultaneamente, pensamento e ação. O ato de modelar mexe com a afetividade, convida o educando há mergulhar um pouco mais dentro de si mesmo, melhora a autoestima e desenvolve diversas capacidades intelectuais. A Modelagem na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, era realizada diariamente com argila, mas também modelavam pães e bolachinhas, principalmente no inverno, quando o manuseio da argila não se tornava tão agradável, devido ao frio.

Logo a seguir, foto dos alunos na aula de Modelagem em argila, com a professora Iara Conceição.



Figura 34 - Fotografia dos alunos da EMA, na aula de Modelagem com argila, s./d.
Fonte: acervo da escola.

Nas aulas de Modelagem, assim como nas de Pintura e Desenho, muitas vezes as professoras levavam os alunos para a Praça Júlio de Castilhos, a fim de aproveitar o ar livre, a natureza e para fazer observações que motivassem suas criações. Utilizavam pranchetas de madeira para apoiar a argila ou o papel.



Figura 35 - Fotografia de alunos modelando com argila, na praça. s./d.
Fonte: acervo do Centro de pesquisa de documentação - UCPEL.

Regina Bergmann diz na sua entrevista: "No inverno, que era mais frio, em vez de modelar argila, modelavam massinha de pão. Minhas filhas, Suzana e Márcia, estudaram na Escolinha. Fizeram as mãozinhas na argila e um presépio, com o professor de modelagem, carinhosamente chamado pelas crianças, de tio Zé".

Podemos observar nas três fotografias a seguir, os alunos realizando as atividades de Modelagem de bolachinha e de massa de pão, em anos diferentes.

O forno a gás era trazido para a sala de aula, a fim de mostrar aos alunos onde se assa as massas e facilitar para assar tanto as bolachinhas, quanto o pão.



Figura 36 - Fotografia da aula de modelagem de bolachinha, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.
Fonte: acervo da escola.



Figura 37 - Fotografia das alunas da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, na aula de modelagem de massa de pão, s/d.

Fonte: acervo da escola.



Figura 38 - Fotografia dos alunos modelando massa de pão, s/d.

Fonte: acervo de Pesquisa de Documentação - UCPEL.

As atividades propostas na Modelagem davam importância ao que a criança produzia. E também proporcionavam prazer.

Segundo Rodrigues:

Deveríamos ter um comportamento aberto, livre, com a criança; uma relação em que a comunicação existisse através do fazer e do reconhecimento da importância do que era feito pela criança e da observação do que ela produzia. De estimulá-la a trabalhar sobre ela mesma, sobre o resultado último, desvaindo-a, portanto, da competição e desmontando a ideia de que ali estavam para ser artistas (RODRIGUES, 1980, p. 34).

A criança tem a experiência, tem o seu momento e desfruta prazerosamente do ato criador. O professor tem que saber deixá-la ter o seu momento.

LITERATURA

A arte literária leva a criança a descobrir outros mundos, despertar a sensibilidade, transmitir conhecimentos e ajuda na interação social

Nas aulas de Literatura, ouviam histórias lidas em livros ou contadas, manuseavam vários materiais literários, etc. E também, atividades como nos conta a ex-professora, Regina Weykamp.

Em depoimento para o presente estudo, Regina Weykamp afirma “que as demais Escolinhas não trabalhavam com esta Linguagem. No Encontro das Escolinhas, no Rio de Janeiro, ela e as colegas mostraram que a Literatura pode ser criativa, sim. Porque não é o contar a história. Não é isso! Vou contar pequeninas experiências: o descascar uma laranja. Levava uma laranja bonita, grande, de umbigo. Levava várias, mas pegava uma. O que será que está na volta da laranja? Cada um dizia: - É a roupa, é o casacão, é a casca. Tudo varia. Cada um achava uma coisa. Nós começávamos a descascar a laranja. Às vezes, saía um pedaço. Dava um pedacinho para cada um. Culminava com a comilança da laranja. Não tinha quem não dissesse: - eu quero um pedacinho. Cortávamos num prato com as mãos higienizadas. Tinha como a Literatura ser criativa. Isso foi vindo, depois com o tempo, que todo mundo foi vendo que dava. Dar um fim diferente para a história,

substituir personagens. Cada um seria um personagem da história, para querer ser um personagem que tinha na história. Então! Comer merenguinho. A história partindo do elemento. Era um saco de merenguinho. Não tinha quem não fosse tirar um merengue. Para dizer um aí, Bom Dia, Boa Tarde. Eu não quero, tô com vergonha. Mas falava. Isso é o que ele pode dar naquele momento".



Figura 39 - Fotografia da aula de Literatura, na EMA, s/d.
Fonte: acervo da escola.

Acima, podemos ver uma aula de Literatura, com a professora lendo um livro para os alunos e mostrando as figuras.

A Expressão em Marcenaria também fez parte, como já foi falado anteriormente de um período, das atividades desenvolvidas na Escolinha Municipal de Arte. Através do contato que tive com um ex-aluno, me falou que faziam marionetes e pés de abajures, além de outras peças, que ele não lembra. Conseguí para o meu acervo marionetes (deteriorados pelo tempo), mas que mostram um pouco das obras confeccionadas na Marcenaria.

A fotografia a seguir mostra como eram algumas aulas de Marcenaria. Os alunos em pé, com materiais, como: pedaços de madeira, pregos, serrote, martelos, etc. Usavam aventais, a fim de proteger suas roupas. Uma das professoras que aparece na foto é Gelcy Ávila dos Santos, ex-professora, diretora e mãe do ex-aluno e entrevistado desta pesquisa, professor Carlos Alberto Santos.



Figura 40 - Fotografia da aula de Marcenaria, na EMA, s/d.
Fonte: acervo da escola.

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, a fim de divulgar e valorizar os trabalhos criados, realizava muitas exposições. Logo a seguir, vemos várias fotos de Exposições em vários locais.

Na primeira fotografia aparecem o Prefeito de Pelotas da época, Edmar Fetter, Ruth Elvira Blank, diretora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas e a Diretora de Educação, Ana Costa, inaugurando uma exposição no Salão da Biblioteca Pública de Pelotas.



Figura 41 - Fotografia da inauguração de uma Exposição da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, no Salão da Biblioteca Pública de Pelotas, s/d.

Fonte: acervo da escola.

Na próxima fotografia, inauguração da Exposição de Obras de Arte, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.



Figura 42 - Fotografia da Inauguração de Exposição de Obras de arte, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.

Fonte: acervo de Pesquisa de Documentação - UCPEL.

Através das fotografias e dos relatos nas atas, foi constatado, que haviam muitas exposições, realizadas pelos alunos da Escolinha: no prédio da mesma, no Salão da Biblioteca Pública de Pelotas, na Praça Cel. Pedro Osório, e em outros locais.

A seguir mais algumas exposições, mostrando as criações artísticas dos alunos da Escolinha, como: pinturas, desenhos, fantoches, etc.



Figura 43 - Fotografia da Exposição de trabalhos em Pintura e Modelagem, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.

Fonte: acervo da escola.



Figura 44 - Fotografia da Exposição em Pintura e Modelagem, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.

Fonte: acervo da escola.



Figura 45 - Fotografia da inauguração de uma Exposição no Salão do Grande Hotel, s/d.
Fonte: acervo escola.



Figura 46 - Fotografia da Exposição de Pintura, no salão do Grande Hotel, s/d.
Fonte: acervo da escola.



Figura 47 - Fotografia da Inauguração de uma Exposição da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.

Fonte: acervo da escola.

As exposições tinham o intuito de valorizar a produção dos alunos, assim como mostrar para a comunidade.

À tardinha e à noite, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, haviam cursos para adolescentes e adultos.

Na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, tanto Cerâmica como Pintura em Porcelana estão enquadrados dentro das atividades criadoras. O trabalho deveria ser criador, original e autêntico, atendendo o professor, simplesmente as várias técnicas.

Cerâmica e Pintura em Porcelana – Curso que iniciou em 1963, tem o seu término depois de dois anos de atividades. Quem realizou o atendimento e a direção foi o consagrado artista pelotense: Jader Osório Siqueira.

A Pintura em Porcelana é acessível a todos, exige-se apenas paciência e dedicação. Para pintar em porcelana não é necessário que a pessoa seja

desenhista, pois, há técnicas que crianças pequeninas podem realizar.

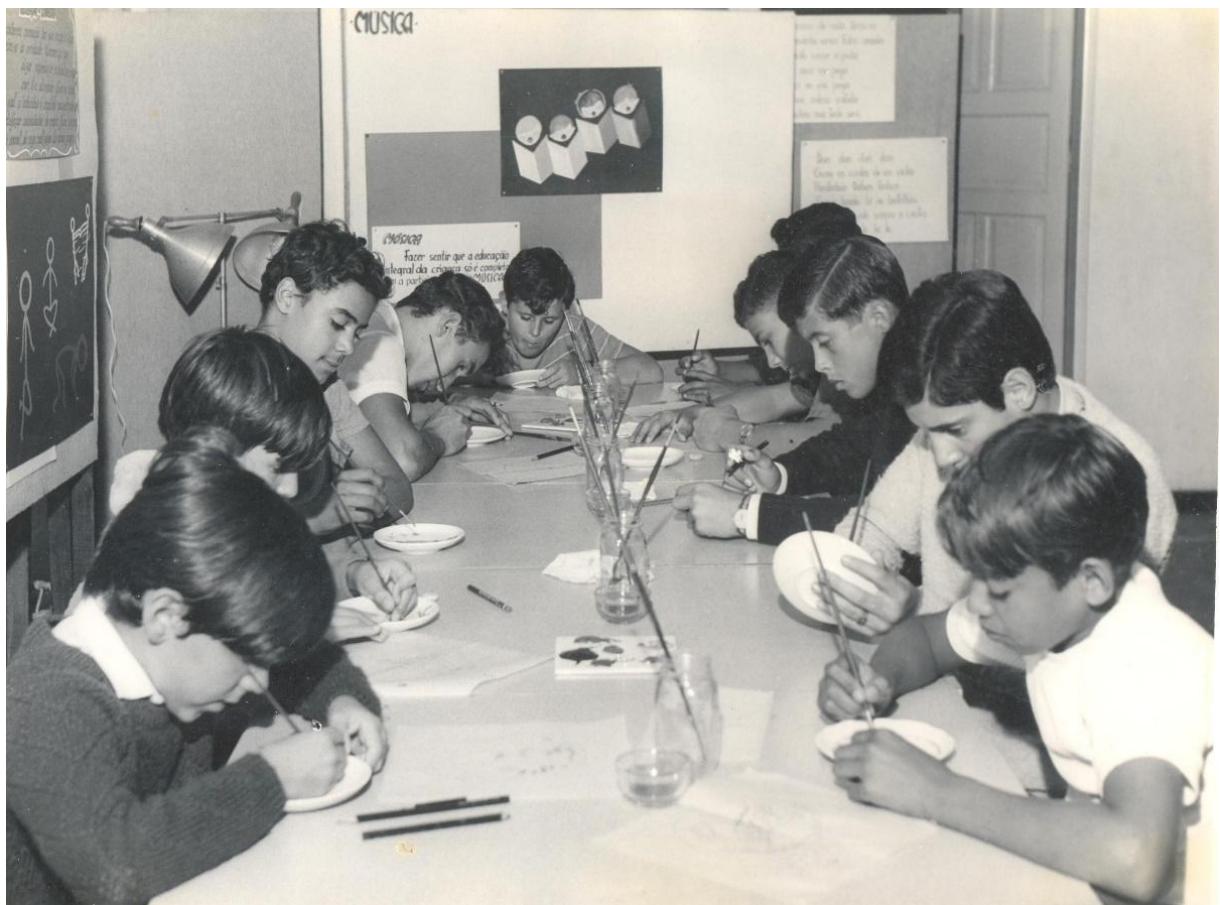


Figura 48 - Fotografia dos alunos na aula de Pintura em Porcelana, s/d.

Fonte: acervo da escola.

CERÂMICA ARTÍSTICA

Atendendo a Cerâmica Artística, os trabalhos são totalmente feitos à mão, de forma alguma são usados os tornos e moldes de cerâmica artesanato. A experiência tem sido magnífica. Pois alunos, no primeiro ano de atividade, já mostram que Pelotas, em Cerâmica Artística, está acompanhando os grandes centros de cultura artística do país.

Os vasos e peças de Cerâmica devem passar por um duplo processo de aquecimento antes de entrarem em uso. Eles irão duas vezes ao forno, sendo que a primeira vez é o chamado cozimento sem brilho ou “biscoito”. Depois de aplicadas as decorações, procede-se a um segundo cozimento, cuja finalidade é fixar melhor o

brilho da peça.



Figura 49 - Fotografia da aula de Cerâmica Artística para adultos, na Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, s/d.

Fonte: acervo da escola.

No acervo da escola, encontra-se um livro de atas, desde 1963.

Na ata Nº 43 – “Aos vinte e sete dias do mês de setembro de mil novecentos e setenta e quatro, com a presença da Diretora Maria Deborah Traversi Pinto, da Escolinha Municipal de Arte, às nove horas, deu-se o início ao Curso de Arte e Criatividade. Falou como representante da SMEC, a professora Noely Varotto, dizendo da satisfação que Pelotas sentia com a presença da professora Ruth Blank, que ministrará o curso de Arte e Criatividade ocorrido recentemente em Porto Alegre pelo renomado professor inglês, Tom Hudson. Após, fez uso da palavra a professora Carlinda Valente explanou a respeito da arte na atualidade, sobre ideias já estabelecidas sobre a criatividade, citou além, as metas, as causas, os fins. Esclareceu também que o curso em Porto Alegre foi tirado por ela através de uma vaga oferecida à nossa Escolinha com o objetivo de após vir transmiti-lo a Pelotas. Conta o curso com a participação de trinta alunas e doze professoras da Escolinha. Ao final do curso serão dados certificados de especialização pela SMEC. Foram distribuídos os cartões de frequência, as pastas, as súmulas e o programa. Nada

mais havendo a tratar, lavro a presente ata, que após lida e aprovada, será pelos presentes assinada”.

ATA Nº 44 – “Aos três dias do mês de outubro encerrou-se o curso de Arte e Criatividade, que contou com a participação de quarenta e três pessoas, curso esse realizado em quarenta e duas horas. Houve a projeção dos slides tirados durante o curso, que registraram aulas teóricas e práticas, mostrando um pouco do muito que foi realizado. Durante o período da tarde aconteceu exposição de todos os trabalhos realizados. Foi assistida por várias pessoas interessadas em Criatividade. Após, foram distribuídos os certificados com registro na SMEC. Na oportunidade, fez uso da palavra a Diretora Maria Deborah Traversi Pinto. Despediu-se a professora Ruth Blank, assim como sua assessora Carlinda Valente. Nada mais havendo a tratar, lavro a presente ata, que após lida e aprovada, será pelos presentes assinada.

Regina Weykamp da Cruz, Maria Deborah Traversi Pinto, Carlinda Valente, Ceci Soltes, Yara da Conceição, Gladis Ernst, Ligia Costa de Azevedo, Dilssa Ribeiro Dutra, Walkíria Araújo, Ruth Elvira Blank, Flora Bendjoya, Nilda Mourgues, Maduell, Vera Beatriz Teixeira Barbosa, Lúcia Traversi Pinto, M.Terezinha Oliveira, Seli Maurício, Iza, Margarida Maria Bauer Wienke, M. Judith R. M., Maria Elizabete Duro Vianna, Cristina Peixoto, Aida Maria Ziglia, Helena Passos da Rocha, Alice Helena Thomaz, Arita Adurei, Maura Regina R Dias, Helena Hellui, Dilma Silva, Nádia Maria Azevedo, Nice Catherine, Luisa Teixeira, Naia Solange Ferreira, Gelcy Santos, Irene Leda Rosa, Beti Sena, Marlene Alves Pereira Reisse, Rosina Pires Corrêa Franco”.

Ao ler esta ata, tive a grata surpresa de me deparar com o nome da minha irmã, Cristina Peixoto, fazendo parte da lista de presentes no curso de Arte e Criatividade

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, esteve sempre que possível nos Encontros das Escolinhas de Arte.

“O primeiro Encontro Estadual de Escolinhas de Arte, foi em maio de 1977, em Porto Alegre, na Vila Manresa, no meio do Morro do Sabiá, que é no meio de uma floresta⁷. Três dias relatando um para os outros o que estava se fazendo em

⁷ Entrevista de Marly Meira, a Auta Inês (31/05/2013), para a sua Dissertação de Mestrado – PPGAV – UFPEL, 2014.

matéria de arte-educação no RS. Neste Encontro, participaram além de Augusto Rodrigues, Marly Meira, Noêmia Varela, Maria Helena Machado (diretora da Escolinha de Porto Alegre era ligada à Secretaria de Educação), Iara Rodrigues, Sandra Richter, Elton Manganelli, Lia Achutti (de Santa Maria), Marly Meira, Iracema Coutinho, Maria Luiza da Luz (de Bag ... Pessoal que irradiou esse movimento de arte-educação no Rio Grande do Sul estavam neste Encontro". O Professor Carlos Alberto Santos, participou também, aparecendo na fotografia a seguir.



Figura 50 - Fotografia do Professor Beto Santos e Augusto Rodrigues no 1º Encontro Estadual de Escolinhas de Arte do RS, 1977.
Fonte: acervo Beto Santos.

Muitos estudos, pesquisas, leituras, a fim de conhecer o que dizem os estudiosos sobre as propostas planejadas.

O contato da criança com obras de arte produzidas por outros não lhe é totalmente irrelevante: apenas não se constitui no *cerne* do desenvolvimento de sua consciência estética. Esta, como vimos, depende muito mais da sua *atuação*, da expressão do seu "eu" na construção de trabalhos significantes, do que da contemplação de objetos estéticos. Sem dúvida o contato da criança com obras de arte pode contribuir para o seu desenvolvimento, mas tais obras não têm de servir-lhe de modelos ou proporcionar comparações com aquilo que ela produz. Porque a arte produzida pelo adulto apresenta *fins e parâmetros* distintos da arte infantil (DUARTE JR., 1981, p. 106).

O conhecimento da arte na infância, significa, num primeiro momento, o

contato da criança com seu mundo expressivo, seja do ponto de vista verbal, plástico ou corporal.

É na infância que desperta o desejo pela descoberta e pelas fantasias. A partir disso, a Escola Ruth Blank tem em sua filosofia de trabalho, atividades que norteiam as linguagens artísticas, onde, sem dúvidas, possibilitam o pleno desenvolvimento infantil, num ambiente com oportunidades para a experimentação, a criação, a construção, a ludicidade, tornando-a mais crítica em relação ao mundo que a cerca. Marly Meira (2014, p. 116), “Não é mais possível pensar-se numa educação para a cidadania, muito menos numa educação que assuma a função de construir sujeitos, sem a garantia de uma educação estético-visual”.

4.3 Idealizadora e criadora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas Professora Ruth Blank

Ruth Elvira Blank, professora, idealizadora e criadora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Natural de Erechim, nascida em 07 de setembro de 1926. Faleceu com 53 anos, em 30 ou 31 de agosto de 1983.

Segundo Déborah Blank, sua irmã, em entrevista concedida para esta pesquisa, Ruth Blank era a primeira de uma família grande. Veio estudar em Pelotas, no Colégio Santa Margarida, sendo interna. Estudou e morou lá por uns três ou quatro anos. O pai a levava no início do ano e a buscava no final do mesmo ano. Se formou com quatorze anos e com quinze já ficou trabalhando no Colégio, onde atendia na Biblioteca. Organizava bem os livros. Sempre fez muitas buscas. Fez o segundo grau, concurso e ingressou como professora do Município de Pelotas. Sempre voltada para a educação e sempre pesquisando. Depois foi professora do Estado, dedicando-se com tanto carinho àqueles alunos e sempre desenvolvendo a parte da educação criadora. Sua família chegou a morar aqui em Pelotas.

Débora continua sua fala, dizendo que “todo o seu estudo, o seu trabalho de Artes aprendeu com a Ruth. Sabe que todo mundo se envolvia, de tanto que ela

pesquisava. Ela lia muitos livros. Não se sabe onde ficaram a maioria dos livros dela. Ela sempre fazia algumas anotações ao lado do que apreciava, ela sublinhava”.

“A Ruth ganhou uma bolsa para estudar Arte no Rio de Janeiro, onde reuniam-se pessoas de todo o Brasil. E lá conheceu Augusto Rodrigues, sendo sua aluna em um Curso na Escolinha de Arte do Brasil. Desse modo é que teve a ideia de trazer para Pelotas (RS) e de construir em uma praça, uma Escolinha de Arte”.

“A situação financeira, a vida, era muito difícil. Ruth ficou solteira, mas dedicou-se à educação, à leitura. Se envolveu em ajudar. Ela tinha uma forma de transmitir carinhosa, bonita”.

Débora, irmã de Ruth, vinha de férias do Rio de Janeiro. Trazia de lá o que estava acontecendo, por exemplo, os Encontros da Escolinha de Arte do Brasil. Trocavam experiências. As duas fizeram o mesmo curso, na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, com Augusto Rodrigues. Primeiro Ruth, depois, Débora. Já em Pelotas, levou seu projeto para a Diretora de Educação e para o Prefeito em exercício e eles aceitaram seu projeto. Então, em 1963, a professora Ruth Elvira Blank, criou a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Dedicou-se muito para a Escolinha funcionar muito bem. Segundo sua irmã Déborah: “Quando a gente educa temos que ser um educador criador. Aprendi com a minha irmã uma coisa muito bonita, que nós professores não somos donos daquele momento, na aula. Embora possamos fazer colocações, conversar. O importante é trabalhar junto com os alunos, fazer com que eles participem com o que nós estamos colocando na aula”. Ela não sabe se ganhou muito dando para os alunos, ou se recebeu muito mais deles. Porque eles se sentiam à vontade, livres para também participar”.

“Posteriormente, em 1967, foi convidada a trabalhar no museu “MARGS”, de Porto Alegre. Depois, trabalhou na Secretaria da Educação e Cultura, do RS. Também em Porto Alegre. Enquanto estava na Secretaria, participou da elaboração do material: “Projeto Especial – Desenvolvimento Integrado da Arte na Educação – PRODIARTE. Subsídios de Orientação. Elaborado em 1982 e impresso em 1983, reimpresso em 1984 e 1985”.

De acordo com Regina Weykamp da Cruz, ex-professora da Escolinha

Municipal de Arte de Pelotas, que foi aluna da Professora Ruth Blank no Assis Brasil, na disciplina de Arte, a educadora já dizia que “iria abrir uma Escolinha de Arte e que queria que ela fosse lecionar. Em 1965, Ruth a chamou, pois ela já tinha concurso. A Escolinha já estava mudando um pouco a equipe. Pegou no auge. Um trabalho maravilhoso. A Ruth inventava umas exposições, trazia painéis de Porto Alegre. A gente (professoras) passava um trabalho, mas fazíamos um ótimo evento. Ela era um ‘motor’, um ‘motor em alta rotação’ sempre. Ela fundou a Escolinha em Pelotas e depois de 4 anos, a convidaram para morar e trabalhar em Porto Alegre. Mas nunca perdeu o contato. Todos os sábados ela vinha e tinham reunião. Ela “pedia” um painel sobre Van Gogh, por exemplo, e nós tínhamos que estar, segunda-feira com o painel pronto. Não interessa se era sábado, domingo. Confeccionado por nós para trabalhar com as crianças. Mas as crianças também faziam”.

Regina Weykamp da Cruz fala:” - Isso tudo é como eu digo: A Ruth é que movimentava aquele motor (Escolinha). Vinha sábado, fazia uma reunião, nos enchia de sopro de esperança. A gente entrava segunda-feira, à mil! Não sei se essa receptividade à Ruth, a gente transmitia para as crianças. Era um prazer, posso dizer que foi um prazer”.

Regina Bergmann disse que chegou a conhecer a professora Ruth. Mas, quando começou a lecionar na Escolinha, ela já não fazia mais parte do grupo.

Considerações Finais

Ao finalizar esta pesquisa, sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, tenho uma sensação de imensa alegria por ter conseguido colocar no papel uma parte da memória, da história e do ensino de arte de Pelotas, que antes nunca havia sido escrito. Grande parte do material estava no arquivo da escola, outra nos jornais da Biblioteca Pública de Pelotas, e também em fotos do acervo de Pesquisa de Documentação – UCPEL. Comecei com a organização e digitalização e em cada contato que ia tendo com as fotos, documentos, atas, relatos das pessoas através das entrevistas, ia descobrindo a potência que cada um possuía. Depois, parti para a escrita, desenvolvendo um texto que considero de fácil leitura e que abrangesse pontos importantes. Em minha avaliação entendo que o trabalho realizado foi de muita importância para os alunos que por lá passaram, para os professores e para toda a comunidade. Tenho certeza que as Linguagens da Arte estiveram presentes em todos os momentos do desenvolvimento criador dos alunos.

Acredito que esta Dissertação possa ser um agente transformador da opinião das pessoas e que possa contribuir, através das ideias aqui coletadas e publicadas, à reflexão dos cidadãos pelotenses ou àqueles simpáticos à ideia da Escolinha, do ensino de arte em Pelotas, sua memória e sua história. Proporcionar aos acadêmicos, principalmente aos de arte e à comunidade em geral, o conhecimento da existência de uma Escolinha Municipal de Arte em Pelotas – é um alcance relevante do meu trabalho, bem como contribuir na construção da memória da nossa Arte/Educação, através desta história documentada.

Meu sonho: despertar nos nossos dirigentes a vontade de voltar a ter em Pelotas uma Escolinha Municipal de Arte. Fazer com que valorizem novamente o ensino de arte público, dirigido às crianças (desde os três anos), aos adolescentes e aos adultos, possibilitando que as Linguagens da Arte (Pintura/desenho; Literatura; Música; Teatro de Fantoches; Modelagem), sejam desenvolvidas, e os cursos de Cerâmica, de Pintura em Porcelana e os demais que eram oferecidos à população (adolescentes – à tardinha e adultos – à noite),

sejam novamente oferecidos gratuitamente.

A Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, estava entre as Escolinhas que fizeram parte do Movimento Escolinhas de Arte, e que teve importância nacional, demonstrando seu espírito pioneiro no conceito de formação e desenvolvimento da educação, tendo por base a arte em todas as suas formas. Pelotas fez parte da história da Arte no Brasil.

Ao longo do percurso da sua história, a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, atendeu crianças, adolescentes e adultos, desenvolvendo uma relevante função no ensino de arte. Recebeu uma gama muito grande de pessoas de diferentes classes sociais, econômicas e culturais.

Esta envolvida pesquisa me fez concluir que o Ensino de Arte, baseado nas orientações de Augusto Rodrigues, se fez presente nos momentos do ensino de arte e da história, relatada pelos documentos e pelas entrevistas.

A história da Escolinha de Arte e sua memória, continua vívida em cada uma das crianças, dos jovens e dos adultos que nela estudaram. Muitos dos que passaram por lá seguiram estudando na área da arte, outros se tornaram artistas ou somente levaram das experiências vividas lá, ensinamentos que praticam em suas vidas particulares até hoje. Tudo isso foi averiguado através das redes sociais, pelos contatos que fiz com ex-alunos, pelos pais e avós que estudaram ou tiveram algum familiar que estudou lá e hoje trazem seus filhos e seus netos para estudar na Escola (que hoje chama-se EMEI Ruth Blank). E esse estudo só não foi colocado no corpo da dissertação, para não torná-la muito extensa.

Desejo, com esta pesquisa, homenagear a todos aqueles que dedicaram seu tempo e seu conhecimento ao ensino de arte em Pelotas, atuando na Escolinha. Principalmente, a sua idealizadora e criadora, a professora Ruth Elvira Blank, que juntamente com o apoio da Prefeitura e da Secretaria de Educação da época, construiu e manteve durante esses 35 anos (1963 à 1998), a Escolinha em pleno funcionamento. Após este período houve algumas tentativas de resgatar o trabalho que era desenvolvido anteriormente, mas dentro da realidade que tínhamos (a escola passou a fazer parte da Educação Infantil, não podendo mais abranger adolescentes e adultos). Escolinha de Arte, nos moldes de Augusto Rodrigues não era mais. Estamos, desde 2003, mantendo no Projeto Político

Pedagógico, as Linguagens da Arte e os profissionais dessa área, mas com atendimento de crianças em idade pré-escolar.

Foi uma honra ter pesquisado sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, poder estar em contato com os materiais históricos coletados, como fotos e documentos. E, também, de estar na presença de alguns, dos muitos personagens que fizeram parte do ensino de arte em Pelotas.

Não pretendo dar como concluída esta pesquisa, pois muito ainda se tem a apurar sobre a Escolinha. Muitas vivências podem ainda ser relatadas, muito se tem a registrar. Este foi apenas o início de uma longa e importante história, rica em detalhes e repleta de ARTE.

Referências

AMARAL, Maria das Vitórias N. do. **A criança desvendando a arte**: um olhar antropológico. 2000. 187 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

AZEVEDO, Fernando A. G. **Movimento Escolinhas de Arte**: em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa. 2000. 166 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Arte-educação: conflitos e acertos**. 3. ed. São Paulo: Max Limonad, 1988.

_____. (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Arte Educação no Brasil**: do modernismo ao pós-modernismo. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

_____. **Redesenhando o desenho**: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.

BENETTI, Téoura. **História da Escolinha de Arte do Centro de Artes e Letras**

da Universidade Federal de Santa Maria/RS, 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSM, 2007.

BIASOLI, C. L. A. **Docência em artes visuais:** continuidades e descontinuidades na (Re) construção da trajetória profissional. 2009. 313 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

BOLETIM ARTE NA ESCOLA. Porto Alegre: UFRGS/Pro Reitoria de Extensão/Fundação IOCHPE, 1993- nº 2, nº 4.

_____. Porto Alegre: UFRGS/Pro Reitoria de Extensão/Fundação IOCHPE, 1995- nº 10.

BORGES, Ana Lúcia G. P. **O Ensino da Arte e a Escolinha de Arte do Brasil.** 2001. 32 f. Monografia (Especialização em Docência do Ensino Fundamental e do Grau Médio) – Pós-Graduação: Projeto “A vez do Mestre”. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2001.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Escolinha de Arte do Brasil.** Brasília, 1980.

CLAPARÈDE, E. **A Educação Funcional.** Tradução e notas J.B. Damasco Penna. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

_____. **A Escola sob Medida.** Tradução de Maria Lúcia do E. Silva. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959.

Coleção Taba. Ed. Abril Cultural, 1982.

COSTA, F.C.B. **A Contribuição do Movimento Escolinhas de Arte no Ensino de Arte em Santa Catarina.** Disponível em:
[<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/download/3068/2264>](http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/download/3068/2264).
Acesso em: 23 ago. 2015.

_____. **Escolinha de Arte de Florianópolis:** 25 anos de Atividade Arte-Educativa. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1990.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (Org.). **Cor, som e movimento:** a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte:** por uma poética do ato criador. São Paulo: Escuta, 2001.

DEWEY, John. **John Dewey.** Traduções de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Vida e educação.** São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas: 1963.

D'OLIVEIRA, Auta Inês M. L. **Nas Águas da AGA – reflexões sobre a Associação Gaúcha de Arte-Educação e seus reflexos na história do ensino da Arte no RS.** 2014. 175 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

DUARTE JR. João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados; Universidade de Uberlândia, 1981.

_____. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.

FAZENDO ARTES. Brasília: MEC/ Secretaria da Cultura/ Fundação Nacional de Arte, 1983.

_____. Brasília: MEC/ Secretaria da Cultura/ Fundação Nacional de

Arte, 1984- Nº Zero, 3, 4.

_____. Brasília: MEC/ Secretaria da Cultura/ Fundação Nacional de Arte, 1985- 5, 6, 7.

_____. Brasília: MEC/ Secretaria da Cultura/ Fundação Nacional de Arte, 1988- 8, 9, 10, 12.

_____. Brasília: MEC/ Secretaria da Cultura/ Fundação Nacional de Arte, s/d- 13, 14, 15.

FERRAZ, M.H.C.T.; FUSARI, M.F.R. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições**. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRER, Virgínia C. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, Jorge et allí. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Alertes, 1995, p. 166-180.

FRANGE, Lucimar Bello P. **Noêmia Varela e a Arte**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2001.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

Jornal Arte & Educação, Escolinha de Arte do Brasil, ano I, set.1970.

Jornal Arte & Educação, Escolinha de Arte do Brasil, ano I, jan./ fev./mar./abr./jun. 1971.

Jornal Arte & Educação, Escolinha de Arte do Brasil, ano I, jan./fev./mar./abr./mai./jul./ago. 1972.

JOSSO, M.C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. **Histórias de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de. **Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história**. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2014.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

_____; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, M.C. (Org.). **Didática do ensino da arte**: língua do mundo. Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

_____. **Projetos em Ação no Ensino da Arte**. Disponível em: <<http://drb-assessoria.com.br/projetemcaonoensinodeartes.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MEIRA, Marly. “Arte-educação: subjetividade, sociedade e política”. In: CUNHA, Susana R. V. **Anais do Simpósio Estadual de Arte-Educação**: arte-educação e a construção do cotidiano. Porto Alegre: Universidade da Região da Campanha – URCAMP/Fapergs, 1995.

_____. Cartografia das Mutações em Arte-Educação no Rio Grande do Sul

– Últimas Décadas. In: SILVA, Úrsula R.; SENNA, Nádia da C.; MEIRA, Mirela R. (Orgs.). **Memórias e Perspectivas Contemporâneas da Arte/Educação no RS.** Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

_____. “Construindo Trajetórias”. In: **Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino.** Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Educação, 1992.

_____. **Filosofia da Criação:** reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

_____. O Sentido de aprender pelos sentidos. In: PILLOTTO, Silvia S. D.; BOHN, Letícia R. D. (Orgs.). **Arte/Educação:** ensinar e aprender no ensino básico. Joinville: Editora Univille, 2014.

_____; PILLOTTO, S. **Arte, afeto e educação:** a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

OLIVEIRA, Myriam F. P. **A Escolinha de Arte de Cachoeiro de Itapemirim:** resgate de uma história. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

PESSI, Maria Cristina A. Dos S. **Questionando a livre-expressão:** história da arte na Escolinha de Arte de Florianópolis. Florianópolis/SC: Fundação Catarinense de Cultura, 1980.

_____. **Questionando a livre-expressão:** história da arte na Escolinha de Arte de Florianópolis. Florianópolis/SC: Fundação Catarinense de Cultura, 1990.

PILLAR, Analice D. A. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes.** 8. ed.

Porto Alegre: Mediação. 2014.

_____. **Desenho é construção de conhecimento na criança.**
Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

READ, H. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A redenção do robô:** meu encontro com a educação através da arte.
São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Educacion por el Arte.** Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977.

_____. **O Sentido da Arte:** esboço da história da arte, principalmente da pintura e da escultura, e das bases dos julgamentos estéticos. Tradução de E. Jacy Monteiro. 4. ed. São Paulo: IBRASA, 1978.

RICHTER, S. **A dimensão ficcional da arte na educação da infância.** 2005.
290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. **Criança e pintura:** ação e paixão do conhecer. Porto Alegre:
Editora Mediação, 2004.

_____. **Manchando e narrando:** o prazer visual de jogar com cores. In:
CUNHA, Susana R.V da (Org.). **Cor, som e movimento:** a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Mediação: Porto Alegre, 2009.

RODRIGUES, A. **Escolinha de Arte do Brasil.** Brasília: INEP, 1980.

SILVA, Maria Betânia e. **Memórias não são só memórias:** a Escolinha de Arte do Recife (1953- 2003). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SILVA, Ursula R. da. O Ensino da Arte na UFPEL: Memórias. In: SILVA, Ursula R.

da; SENNA, Nádia da C.; MEIRA, Mirela R. (Orgs.). **Memórias e Perspectivas Contemporâneas da Arte/Educação no RS.** Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

SILVEIRA, Cristiane. **Cultura Política versus Política Cultural:** Os limites da política pública de animação da cidade em confronto com os campos das artes visuais na Curitiba Lernista (1971/1983). 488f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SOUZA, Alcidio M. de. **Artes Plásticas na escola.** RJ: Bloch Editores, 1974.

_____. **Didática Especial do Desenho na Escola Primária.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

VARELA, Noêmia de A. A formação do Arte-Educador no Brasil. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **História da Arte-Educação.** São Paulo: Max Limonad, 1986.

_____. In: **Escolinha de Arte do Brasil.** Brasília: INEP, 1980.

_____. Movimento Escolinhas de Arte: imagens e ideias. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, n.13, p. 4, 1988.

VENZKE, Lourdes Helena Dummer. **Já não vos assistirá plenamente o direito de errar, porque vos competirá o dever de corrigir:** Gênero, docência e Ed. Infantil em Pelotas (décadas 1940-1960). 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____. **Professoras das Escolas Municipais de Ed. Infantil de Pelotas:** identidades em construção. 2004. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

Apêndices

Entrevistas com ex-diretora, ex-professora, ex-aluno e com a irmã da fundadora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

1. Carlos Alberto Ávila Santos;
2. Regina Weykamp da Cruz;
3. Déborah Blank;
4. Regina Bergmann.

Apêndice A – Entrevista com o Professor Carlos Ávila Santos

Data da realização: 02 de maio de 2016.

Local: Residência do Professor

Horário: 19 horas

Perguntas ao professor Beto Santos:

Fosses aluno da Escolinha?

Em que ano?

E os teus irmãos? Qual os nomes e ano que foram alunos? Seguiram na área?

A tua mãe foi diretora? Como ela foi trabalhar na Escolinha? Tem algum material ainda daquela época, ou fotos?

O que ela dizia sobre o trabalho desenvolvido?

O que sabes sobre o Movimento Escolinhas de Arte? E sobre o jornal Arte & Educação?

E sobre a EAB, do Rio de Janeiro?

Conheceste Augusto Rodrigues? O que lembras?

Professor Carlos Alberto Santos (Dr. Em Arquitetura e Urbanismo, área de conservação e restauro, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Federal da Bahia - Professor da UFPEL, CA e ICH (Memória Social e Patrimônio Cultural): Ex-aluno. Filho de ex-diretora e sobrinho de ex-professora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas.

Eu entrei na EMA de Pelotas, primeiro como criança (das 14 às 16h) e depois como adolescente (das 17 às 19h). Participei das duas fases. Deveria ter uns oito ou dez anos. Depois, já era mais velho, uns doze anos.

Tenho dois irmãos que estudaram na EMA de Pelotas. Eu era o mais velho. Um irmão mais novo dois anos, o Paulo Roberto Ávila Santos e uma irmã mais nova que

os dois, a Maria de Fátima Santos Maia. Eles entraram na parte infantil.

A minha mãe foi professora da EMA de Pelotas, Gelcy Ávila santos. Era professora do Magistério. E quando abriu a escolinha, ela era professora de Artes do Município. Foi convidada para trabalhar lá, em 1965. Eu não lembro se eu entrei antes dela ser professora lá ou não.

As Escolinhas de Arte foram criadas em 60/70. Noêmia Varela; Augusto Rodrigues.

Política americana. Ideologia americana. Tom Hudson, teórico da área, propunha atividades extraclasses que visavam o *laissez-faire*. Deixar fazer. Liberdade de Expressão.

Aqui na Escolinha, as tardes que eu passava lá, as atividades eram divididas em várias etapas. Pintura (se pintava relativo ao que se tinha visto na Literatura). Outro momento: Música. Piano, instrumentos musicais. Alternavam as atividades.

Desenho e Pintura, Literatura (contos, historinhas), Modelagem, Música e Teatro de Fantoches. Essas eram as atividades básicas.

O interessante era que a Escolinha, na época tinha uma verba, para comprar materiais, tinta, têmpera, papel, pincel atômico.

A ideia era essa, que as atividades despertassem a questão da criatividade, que ao mesmo tempo, incluísse questões teóricas, tipo cores primárias, formas geométricas. O conteúdo era esse.

O que aconteceu foi o seguinte: se desenvolveram por mais de dez anos essas Escolinhas de Arte. E, depois não lembro bem a data, em torno de 80/90, aí: a questão do *laissez-faire*, com o tempo acabou sendo discutido, no sentido que acabava não levando a nada. A não ser essa experiência estética, que as pessoas tinham. Não incluía a questão de conhecimento. Desenvolvimento dos conhecimentos.

Nos anos 80, foi outra filosofia que surgiu, com Ana Mae e foi abraçada por outros professores. E se criou essa dita metodologia Triangular. Três vértices;

Fazer – A história da Arte e a Leitura de obras. Buscava a leitura formal e de contextualização, justamente substituir essa linha anterior das Escolinhas de Arte, que não inclui essa questão do Fazer. Então a Ana Mae lançou um livro:

Metodologia Triangular (eu tinha esse livro).

Marge: O Augusto Rodrigues era vivo?

Beto: não sei se ainda era vivo ou não. Mas ele não fazia parte de nada disso. Ele fazia parte das outras questões da Formação da EAB.

A questão foi a seguinte: A Metodologia Triangular no RS, acho que o IA da UFRGS, a Analice Pillar, IOCHPE (firma que angariou fundos)

Continua...

Apêndice B – Entrevista com a ex-professora da EMA de Pelotas, Regina Weykamp da Cruz

Data: 22 de agosto de 2016.

Local: Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank.

Horário: 15 horas.

As professoras foram convidadas pela Ruth Blank, para trabalhar na Escolinha. Fui aluna da Professora Ruth Blank, no Assis Brasil. Me formei em 1963. A Ruth Blank era professora de arte e falava: - vou abrir uma escolinha e vou te levar para lá! Quando me formei, fiz concurso no Estado e no Município Trabalhei um ano na Zona Rural. A Ruth em 1965, me chamou. Já tinha concurso e estágio probatório na Colônia. A Escolinha já estava mudando um pouco a equipe. Peguei no auge. Um trabalho maravilhoso. Sempre gostei muito de arte. A Ruth inventava umas exposições, trazia os painéis de Porto Alegre, a gente passava um trabalho, mas fazíamos um ótimo evento.

A fundamentação básica da Ruth, como criadora da Escolinha, era Augusto Rodrigues. Era sua pupila e seguidora. Sempre nos dizia para seguir os passos do Augusto. Acreditava na arte como formação. Ela nos dava textos e a gente tinha que estudar para dar aula.

Inclusive nós fomos em 1972, num Encontro Internacional de Escolinhas de Arte, no Rio de Janeiro. Foi Internacional, pois tinha uma Escolinha do Paraguai. Para surpresa nossa, as atividades aqui da Escolinha desde o início foram: Desenho e Pintura, Modelagem, Literatura, Música e Teatro. Todas essas. O teatro abrangia uma série de coisas; Expressão Corporal entrou mais adiante, do que no início. No início, fundamentalmente, foi Teatro de Fantoches, porque era uma maneira de atrair a criançada de 3 anos, que a gente atendia. 3 – 5, 6-8, 9-12 e adolescentes. Então o Teatro era uma maneira muito expressiva deles se comunicarem, vendendo Pipoca e Rapadura (fantoches – palhaços). Todos foram criados na frente daqueles alunos. Quem criou esses personagens foi a Gladis Ernst. Os nomes foram escolhidos pelos alunos da época. Surgiu a história da pipoca estourando na panela. E aí ficou a história do Pipoca (palhaço). E aí tinha que ter um companheiro, e veio o Rapadura (outro palhaço). Que não era pipoca, mas também pulava.

Voltando ao Encontro. Quando fomos ao Rio de Janeiro, com Augusto Rodrigues, foi uma maravilha. A gente pode expor essas cinco atividades, as quais trabalhávamos. Quando chegou o dia nosso painel, fomos em 4 professoras: Borah, Gelcy, Gladis e eu. Nós ficamos num hotel. A prefeitura nos ajudou com a passagem e nós com a estadia. Mas, quando nós falamos, no painel da Escolinha de Pelotas, que tínhamos Literatura, foi uma surpresa para todo mundo, porque ninguém acreditava que essa Linguagem numa sala de aula, pudesse ser criativo. Ei, nós sem a Ruth, mas pensando como a Ruth, provamos por A mais B que Literatura pode ser criativa, sim. Porque não é o contar a história. Não é isso! Muitas vezes nós fazíamos que não falava, falar no grupo. Vou contar pequeninas experiências: o descascar uma laranja. Levava uma laranja bonita, grande, de umbigo. Levava várias, mas pegava uma. O que será que está na volta da laranja? Cada um dizia: - É a roupa, é o casacão, é a casca. Tudo varia. Cada um achava uma coisa. Nós começávamos a descascar a laranja. Às vezes, saía um pedaço. Dava um pedacinho para cada um. Culminava com a comilança da laranja. Não tinha quem não dissesse: - eu quero um pedacinho. Cortávamos num prato com as mãos higienizadas. Tinha como a Literatura ser criativa. Isso foi vindo, depois com o tempo, que todo mundo foi vendo que dava. Dar um fim diferente para a história, substituir personagens. Cada um seria um personagem da história, para querer ser um personagem que tinha na história.

Então! Comer merenguinho. A história partindo do elemento. Era um saco de merenguinho. Não tinha quem não fosse tirar um merengue. Para dizer um aí, Bom Dia, Boa Tarde. Eu não quero, tô com vergonha. Mas falava. Isso é o que ele pode dar naquele momento.

O Teatro, partiu dos fantoches. Depois foi entrando a Expressão Corporal.

Eu e a Gladis fizemos um curso com o José Abreu, hoje ator da Globo. Veio ele e a esposa Naira Kaizermann e deram um curso no parque Tênis Clube, de Expressão corporal. E nós fizemos para poder trazer uma Expressão Corporal mais fundamentada, com técnicas. E foi muito bom, muito bom mesmo. É aí que a gente vê como Expressão Artística mesmo, natural, sem ser só de Bonecos. Então foi uma coisa muito boa.

Agradecemos ao José Abreu e a Naira. Eu, casualmente, tive uma escolinha com

eles, depois que eles vieram à Pelotas. Vieram para cá de São Paulo, me convidaram para abrir uma escolinha com eles. Olha só o nome da escolinha, se fosse hoje. Era CRAC: Centro de Recreação Arte e Criatividade. Era particular, de nós três, o Zé, a Naira e eu. Foi uma experiência muito boa. Levei tudo o que eu sabia daqui da Escolinha. Paralelamente, continuei trabalhando aqui. E a nossa atividade, girando em torno dessas 5 atividades: Desenho e pintura, Modelagem, Literatura, Música e Teatro. Duas Plásticas e três Cênicas. Intitulamos a literatura como atividade Cênica também. Levei muito disso para o CRAC e de lá trouxe muito da Expressão Corporal para cá. Nunca me esqueço!

Na EMA, fazíamos rodízio. Não tinha uma professora sempre com a mesma atividade. A não ser as de música, que eram tituladas. A professora de música podia dar qualquer outra atividade, mas qualquer outra professora não podia dar aula de música. Mesmo assim a gente fazia rodízio das atividades. Eu dei Pintura e Desenho, eu dei Literatura, eu dei Modelagem, eu dei Teatro. Sempre rodando. Até para a criança é bom. Ela se torna mais ou menos criativa, dependendo da pessoa que está orientando.

A Ruth era um motor, um motor em alta rotação sempre. Ela fundou a Escolinha de Arte de Pelotas e depois de 4 anos foi morar em Porto Alegre. Mas nunca perdeu o contato. Todos os sábados ela vinha e nós tínhamos reunião. Ela “pedia” um painel sobre Van Gogh, por exemplo, e nós tínhamos que estar, segunda-feira com o painel pronto. Não interessa se era sábado, domingo. Confeccionado por nós para trabalhar com as crianças. Mas as crianças também faziam.

Antes que eu esqueça, eu vou contar uma experiência maravilhosa que a gente fez. Foi numa Semana da Criança. Nós convidamos os pais. Os pais sempre participaram. Mas, especificamente, segunda, quarta e sexta, que eram os dias dos de 3 à 5 anos. Os pais iam dar aula para eles. A gente orientava, mais ou menos, e um pai dava Literatura, outro dava Música; pai e mãe junto. Foi uma maravilha! Maravilha, mesmo! Noutra vez, eles deram aula para os pais. As crianças faziam questão de colocar os tapapós da professora. Nós usávamos tapapós para evitar sujeira, para proteger a roupa. Não era uso obrigatório, nem das crianças. Uma das coisas que a gente pedia eram os manguitos para proteger a roupa, da argila. Nada era de manchar, de não sair. Mas foram experiências maravilhosas, de pais que nunca tinham passado por aquilo de dar aula para os filhos e vice-versa. Os filhos

perguntavam: - O que está faltando aqui? O carrinho está voando? Coisas que eles notavam que a gente, nas entrelinhas, falávamos para eles. A orientação em Desenho e Pintura: Fazer, observar. Tudo tem um fundo por trás, tudo está assentado em alguma coisa, apoiado. Mas, não chegar e dizer: - Tem que fazer uma casinha em cima de um chão. Não é isso! Eles já sentiam desde pequeninhos. Outra coisa, todo o material usado pelas crianças, não é meu, nem teu, é nosso! A mesa sempre dois a dois, ou uma mesa maior ainda com seis ou oito. Material nosso. Pincel não é caminhão, não carrega tinta. Tinham os potinhos. Primeiro se iniciava com as primárias, sem falar em primária para eles. Um pincel para cada uma, flanelinha para cada um, um vidro d'água, individual. Uma criança de um lado, outra de outro. A professora fala: - Pincel não é caminhão! Então, eles botavam na tijelinha, passavam o pincel e pintavam. - Pincel está sujo, tem que tomar banho! Água, paninho. As crianças falam: - Olha só! O azul ficou esverdeado! Não fui eu! Eles iam descobrindo, descobrindo.

Se a gente fosse escrever o que eles diziam! O Pedro Bloch ia morrer numa Escolinha de Arte. Eu tenho aqueles livros dele: "Criança diz cada uma!", onde ele explica: O cor de rosa é o vermelho devagarinho. Tem coisa mais linda do que isso!!! A lanterna era para ser luzterna. E aí vai! Essas coisas se a gente tomar nota, o que sai deles! Fazendo bolinho na Modelagem, no pãozinho, na argila ou na massa de modelar. Falam: - O meu ficou parecendo um tico! A espontaneidade da criança! Uns resistentes, derrubavam a argila, trancavam as mãos, mas, até que a curiosidade vencia. Colocava um dedinho, outro dedinho. Apertava. Quando se via, era barro para tudo que é lado.

Então assim foi, todas nós passamos por todas as experiências. Sendo que, na hora do Teatro, quando era Teatro de Fantoches, sempre se precisava de mais alguém. Não era um fantocheiro só, trabalhando com as duas mãos. Então, sempre, o Zé Carlos era o único homem no grupo. Chamava-mos: - Zé Carlos, vêm! O soldado que salvava a Pedrita era sempre o Zé Carlos. Nada de mudar a voz, nada de se esganiçar, nem de voz modificada. Lá atrás, falar com voz diferente.

Na Literatura, já falei.

Na música. Bandinha, identificação de instrumentos, de sons, a natureza, ir para rua, meio da praça, ouvir apito de jogo de futebol, deitar na grama, ouvir os pássaros.

Identificar tudo o que ouve. Isso tudo é como eu digo: A Ruth movimentava aquele motor, vinha sábado, fazia uma reunião, nos enchia de sopro de esperança. A gente entrava segunda-feira, à mil! Não sei se essa receptividade à Ruth, a gente transmitia para as crianças. Era um prazer, posso dizer que foi um prazer.

Teve uma época, que eu estava dando aula no Estado e no Município, concursada, já com 3 filhos. Tinha que optar. O meu marido disse, não vai dar. Eu também vi que não daria. Então, vamos aposentar uma. Uma das secretarias, a Secretaria de Educação do Estado, Delegacia de Ensino. Na época, era funcionária de lá, Dona Leda Litrahn. A Diretora era Dona Laura Iruzum. A Leda havia sido secretária do Assis Brasil, quando fui aluna. Eu fui e entreguei o meu pedido de exoneração: - Pelo amor de Deus, Weykamp! Tu não vais te exonerar do estado! Eu disse: - Eu vou! Eu só vou ficar numa. Então vou ficar na Escolinha! – Olha o que eu vou fazer com a tua exoneração! (rasgou o documento). Eu saí dali e pensei: - Meu Deus do céu! Será que eu estou fazendo uma coisa tão errada? Mas em casa conversei com a minha mãe, com o meu pai, com o meu marido e, todos disseram: - Faz o que tu gostas! Me dei o trabalho de ir lá na Delegacia de Ensino e ver os horários. Vi um horário que a Leda não estava (eu contei para ela enquanto era viva). Pessoa querida! Fui lá, protocolei. Está entregue! Não vou mais ser do Estado. Aí fiquei só no Município. Não me arrependo até hoje. Tanto é que em 87, quando eu me aposentei. Eu sou de 1944. Então, eu tinha 43 anos. Foi um dezembro, que eu fui na Secretaria de Educação.

Obs: Ao final da entrevista, a Professora Regina me emprestou um livro de Alcidio Mafra de Souza.

Apêndice C – Entrevista com Déborah Blank Mirenda

Data: 08 de outubro de 2016.

Local: Na sua residência.

Horário: 14h

Déborah Blank Mirenda, artista plástica. Nascida em Erechim, em 1934. Reside em Pelotas, há muitos anos.

Ela diz: “A criança é tão criadora! A beleza dos desenhos delas. São tão livres para desenhar. Uma graça imensa, sabe! Isto da criança tem que ser aproveitado, estimulado para que elas trabalhem. Que elas sejam elas mesmos. Não botar a nossa verdade. A minha verdade é uma verdade, a das crianças é outra. Não importa, é como elas veem as coisas. Na porta do meu atelier está cheio de desenhos infantis, dos meus netos. Aqui na minha casa cada um tem a sua pasta. “Nunca ensinei a desenhar, jamais. Ninguém ensina, aquilo surge e é muito bonito! Se é!”.

Irmã da idealizadora, criadora e primeira diretora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, Ruth Elvira Blank.

A entrevista é sobre a história de vida de sua irmã Ruth.

Natural de Erechim, Rio Grande do Sul. Os pais tiveram seis filhos e a primeira era a Ruth. Clérigo da Igreja Anglicana, seu pai pediu um terreno, a fim de construir uma igreja, e a Prefeitura doou. Mas tinham que construir em um ano. Como a Igreja Anglicana não mandava dinheiro, a mãe que havia recebido um dinheiro pelo falecimento do avô, ofereceu para construir de imediato uma escola, uma casa pastoral e uma igreja, tudo de madeira. Tudo bem simples. Agora, a escola construída ali, até hoje mantém viva a memória de seu pai e o nome da escola foi dado por ele: Instituto Barão de Rio Branco. Depois, criaram o Ensino Superior.

A Ruth sendo a primeira filha, o pai queria que ela estudasse e lá não tinha escola. Talvez tivesse 12 anos, na época. Uma vez por ano, o pai trazia a Ruth para o Colégio Santa Margarida. Viajam quase dois dias de trem. Ele a deixava no colégio,

como interna e buscava-a no final do ano. Estudou e morou lá por uns 3 ou 4 anos. Eu lembro que a Ruth era muito carente. Sempre foi por demais querida. Foi Bandeirante e também uma das líderes. Tinha uma fotografia dela fazendo continência.

A família era muito grande, mas eu me identificava muito com ela, apesar de termos mais ou menos dez anos de diferença. Ela ajudou muito na minha vida, no meu eu. Ela era voltada para as artes. Os sábados e domingos ela passava em casa, desenhando. Pintava quadros. Sempre criando coisas novas. Nós não tínhamos, esse lazer que quase todas as famílias tinham na época, de frequentar clubes. Nada disso acontecia conosco. O lazer dela era pintar. Ela e o nosso irmão Joel, que hoje é Engenheiro, inventavam "n" coisas para fazer. Tinham mais ou menos três ou quatro anos de diferença. Eles eram muito criadores. Até hoje, o meu irmão continua.

Ela se formou com quatorze anos. Eu não lembro de muitas coisas, pois eu tinha a minha vida longe dela. Com quinze anos ficou trabalhando no Colégio Santa Margarida, onde atendia na Biblioteca. Organizava bem os livros. Sempre fez muitas buscas. Estudou, fez o segundo grau. Nossa família já tinha se voltado para Pelotas. Chegaram a morar aqui. Ela fez concurso e ingressou como professora do Município de Pelotas. Sempre voltada para a Educação. Sempre pesquisando. E bonito, que no Domingo ela comprava todos os jornais, porque ela dizia que o jornal nos traz notícias mais recentes. Achei bonito, isso! Marcou muito a minha vida!!! Um livro, se a gente vai ler, até que o escritor termine, edite, as coisas já mudaram. Já modificou muita coisa. O jornal não. Então, depois de lê-lo, fazia recortes, procurando muito assuntos, de Educação em especial. Assim, ela pesquisava.

Depois, foi professora do Estado, se dedicava com tanto carinho àqueles alunos. Sempre desenvolvendo também a parte da educação criadora. Ela sempre teve isso. Eu também sou assim. Quando a gente educa temos que ser um educador criador. Eu aprendi com a minha irmã uma coisa muito bonita, que nós professores não somos donos daquele momento, na aula. Embora nós vamos fazer colocações, conversar, o importante é trabalhar junto com os alunos, fazer com que eles participem com o que nós estamos colocando na aula. Então, eu aprendi muito com a Ruth, que eu não sei: "Se eu ganhei muito dando para os alunos, ou se eu recebi muito mais deles". Porque eles se sentiam à vontade, livres para também participar.

A Ruth sempre foi dessa linha. Naquela época era muito bom ser professora. Havia uma troca muito bonita. Agora eu não sei, porque eu estou aposentada.

Eu acho que todo o meu estudo, o meu trabalho de artes. Se eu busquei ser boa, eu aprendi com a Ruth. Sei que todo mundo se envolvia, de tanto que ela pesquisava. Esse livro era dela: "Didática Especial do Desenho na escola Primária", de Alcidio Mafra de Souza. É muito bonito este livro. Uma das coisas bonitas, é que ela lia muitos livros. Não sei onde ficaram a maioria dos livros dela. Ela sempre fazia algumas anotações na lateral, ela sublinhava. Ela também tinha um material, que eu guardei, que era um curso dado pelo Tom Hudson e que ela pediu para traduzirem para o português.

A Ruth ganhou da professora Antonieta, uma bolsa para estudar artes no Rio de Janeiro. Acho que aqui não havia, nem em Porto Alegre. Ela estudou lá. Ficou não sei quantos anos. Se reuniam pessoas de todo o Brasil. Foi a primeira aluna da turma. Ganhou bolsa para os Estados Unidos. A situação financeira, a vida, era muito difícil. Ela acabou não indo, pois o Diretor da escola, que ia para os Estados Unidos para ver como seria, caiu de avião em Manaus e todos faleceram (o avião era "Presidente"). Ela não usufruiu da bolsa e também não sei se ela iria, pois não sabia falar inglês.

A Ruth ficou solteira, mas dedicou-se a Educação, a leitura. Nesse lado ela se envolveu muito. Se envolveu em ajudar.

Eu casei e fui morar no Rio. Fiquei quatorze anos lá. Eu, meu marido e meus filhos quando vínhamos de férias, era muito bom. Eu e ela passávamos a noite inteira falando sobre Artes. Eu ouvindo a minha irmã. O conhecimento que ela tinha. Uma troca tão bonita! Nossa!!!! Quando nós íamos ver, já eram quatro, cinco da manhã. A gente não sentia. Parece que tinha sido um minuto. Ela tinha uma forma de transmitir carinhosa, bonita. E eu trocava aquilo. E eu trocava aquilo que eu busquei, porque eu também fiz concurso para o Magistério, no Rio. Então eu trazia de lá as coisas que estavam acontecendo, por exemplo, os Encontros da Escolinhas de Arte do Brasil. Aí, fiquei viúva e ela me ajudou muito. Dava muito carinho para meus filhos e para mim. Estimulava os meus filhos e os demais sobrinhos, a estudar e receberam dela muito carinho. Um deles, Darley Blank Schwonke.

Eu e ela fizemos o mesmo curso, na Escolinha de Arte do Brasil no Rio de Janeiro,

com Augusto Rodrigues. Primeiro ela e depois, eu. Depois, a Ruth conseguiu trazer para Pelotas.

Ela projetou esta Escolinha bem equipada. Conseguiu criar a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Ela era muito feliz!

Posteriormente, em 1967, foi convidada a trabalhar no museu “MARGS” (Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli), de Porto Alegre. Depois, trabalhou na Secretaria da Educação e Cultura, do RS. Também em Porto Alegre. Enquanto estava na Secretaria, participou da elaboração do material: “Projeto Especial – Desenvolvimento Integrado da Arte na Educação – PRODIARTE. Subsídios de Orientação. Elaborado em 1982 e impresso em 1983, reimpresso em 1984 e 1985. Eu fiquei com este material, mas atualmente tenho só os fascículos 1 e 3. Os quais, emprestarei para fazeres cópia.

O Ado Malagoli foi meu professor de Pintura. Quando eu terminei meu curso eu fiz de Xilogravura, e apresentei um trabalho numa exposição. E ele foi classificado e deu volta em todo o Brasil. Não tinha o MARGS ainda, foi no Teatro em Porto Alegre, em frente ao Palácio da Polícia.

Ruth Blank nasceu em 07 de setembro de 1926 e faleceu em 30 ou 31 de agosto de 1983, com 53 anos.

Obs: Ao final da entrevista, Dona Déborah emprestou materiais que eram da professora Ruth Blank e, que ela usava durante a época da Escolinha. Um livro de Alcidio Mafra de Souza, “Didática Especial do Desenho na Escola Primária” e uma cópia de um material distribuído por Tom Hudson, num curso realizado pela professora Ruth e que ela mandou traduzir, pois estava em inglês.

Apêndice D – Entrevista com Regina Bergmann Prestes

Data da realização: 04 de novembro de 2016.

Local: Escola Municipal de Ed. Infantil Ruth Blank.

Horário: 10 horas.

Perguntas para orientar a entrevista:

1. Qual a sua formação?
2. Quais são as lembranças sobre os primeiros contatos com a Escolinha?
3. Sobre a Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, gostaria que falasses um pouco sobre o ensino da arte?
4. Como fosses fazer parte do grupo de professoras da Escolinha? Foi convite?
Ou de alguma outra forma?
5. Conheceste a primeira diretora Ruth Blank? O que ela transmitia?
6. Tu e o grupo de professoras seguiam as orientações de Augusto Rodrigues e da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro?
7. Conheceste pessoalmente Augusto Rodrigues, em algum evento? Como ele era? O que falava sobre as Escolinhas?
8. Participastes de algum Encontro de Escolinhas de Arte ou outro evento?
Como foi? O que lembras?
9. Tu e o grupo lia o Jornal Arte & Educação, o Boletim Fazendo Artes? Ajudava na formação de vocês?
10. Tu e o grupo seguiam o Movimento Escolinhas de Arte?
11. Mantinhas contato com alguém das demais Escolinhas ou com a EAB, do Rio de Janeiro?
12. Quem eram os teóricos que tu e o grupo lia nesse período? John Dewey, Paulo Freire, Lowenfeld?
13. As crianças que frequentavam a Escolinha eram oriundas de que classe social? Tinham que pagar o material ou uma mensalidade?
14. Como era o funcionamento da Escolinha?
15. Qual a idade dos alunos? Havia cursos à noite para adultos? Quais?

16. Realizavam exposições?
17. Eram realizadas aulas fora do espaço da Escolinha?
18. Ainda existia o mini zoológico na praça, quando fosses para a Escolinha?
19. Havia aula de marcenaria? A partir de que idade?
20. A SMED e a prefeitura, incentivava a Escolinha? Apoiavam e gostavam do trabalho que era realizado?
21. A SMED orientava ou influía nas atividades que eram realizadas na Escolinha?
22. Como era a cada final de ano? Ficava na dúvida se a Escolinha ia continuar? Ou não?
23. Quando saísses da Escolinha em 98, achavas que os governantes tinham a intenção de mantê-la? Ou já imaginavas que iam transformá-la em outro estilo de escola?
24. Lembras como eram organizadas, planejadas e realizadas as práticas na Escolinha?
25. Qual o motivo que levava os pais a colocarem seus filhos na Escolinha? Os pais eram participativos?
26. Como era sua metodologia de ensino da arte na Escolinha?
27. Sobre a livre-expressão na Escolinha, tinha algo a ver com laissez-faire?

Tendo como formação, Licenciatura em Artes Plásticas, Regina Bergmann, foi professora e depois, por votação entre a equipe da escola, diretora da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. Entrou como professora através de contrato e trabalhou durante três anos, pois não era formada ainda. Depois, fez concurso e continuou lotada na Escolinha.

A Escolinha foi o meu início. Para quem trabalha com arte, a melhor coisa do mundo é te formar e começar a trabalhar num local que é só arte. Aprendi muito aqui, foi como um estágio, pois tive contato com professoras que já trabalhavam, que já tinham toda a formação do Ensino da Arte voltado para as Escolinhas de Arte. Não conheceu Augusto Rodrigues, mas as professoras mais antigas falavam muito dele e seguiam suas ideias. Acho que conheci a Professora Ruth Blank. Não morava mais em Pelotas, já estava em Porto Alegre.

Os alunos da Escolinha eram oriundos de todas as classes. As pessoas ficavam

com ideias que era elitista, porque era muito difícil conseguir vaga. A escola era pequena, só tinha duas salas. Alguns alunos eram do CASE.

Haviam planejamentos e reuniões, organizando a semana.

Na hora, a criança tinha essa liberdade de fazer. A gente era muito disso. Depois que a criança desenhava e ia nos mostrar, pedia para ela contar o que havia criado.

Hoje em dia, quando eu vou dar um presente para alguma criança, eu dou um caderno de desenho, lápis e canetinhas. Elas vão se expressar. Não precisa a gente ficar dizendo o que fazer.

No inverno, que era mais frio, em vez de modelar argila, modelavam massinha de pão. Minhas filhas estudaram aqui na Escolinha, a Suzana e a Márcia. Fizeram as mãozinhas na argila e um presépio com o professor José Carlos Aldeia Martins, carinhosamente chamado pelas crianças, de tio Zé.

Lembro do Teatro de Fantoches, do “Acendedor de Lampião” e “A Gripe do Elefante”.

A Prefeitura ofereceu um curso em Canela, sobre Teatro de Bonecas.

Haviam muitas exposições, na Praça Cel. Pedro Osório, mas antes dela ir trabalhar lá. As professoras eram convidadas a fazer teatro de fantoches, em eventos. As pessoas pediam para a escola se apresentar.

Marcenaria na minha época, não havia mais, mas antes sim.

Com relação aos governantes (Secretaria), era tudo tratado normal. Nos primeiros anos, era tudo tranquilo. Depois, nos últimos anos como diretora, tinha que explicar como funcionava a escola. Em 1998, no meu último ano, foi quando já estavam com a intenção de mudar. A dúvida começou, pois queriam outro tipo de escola.

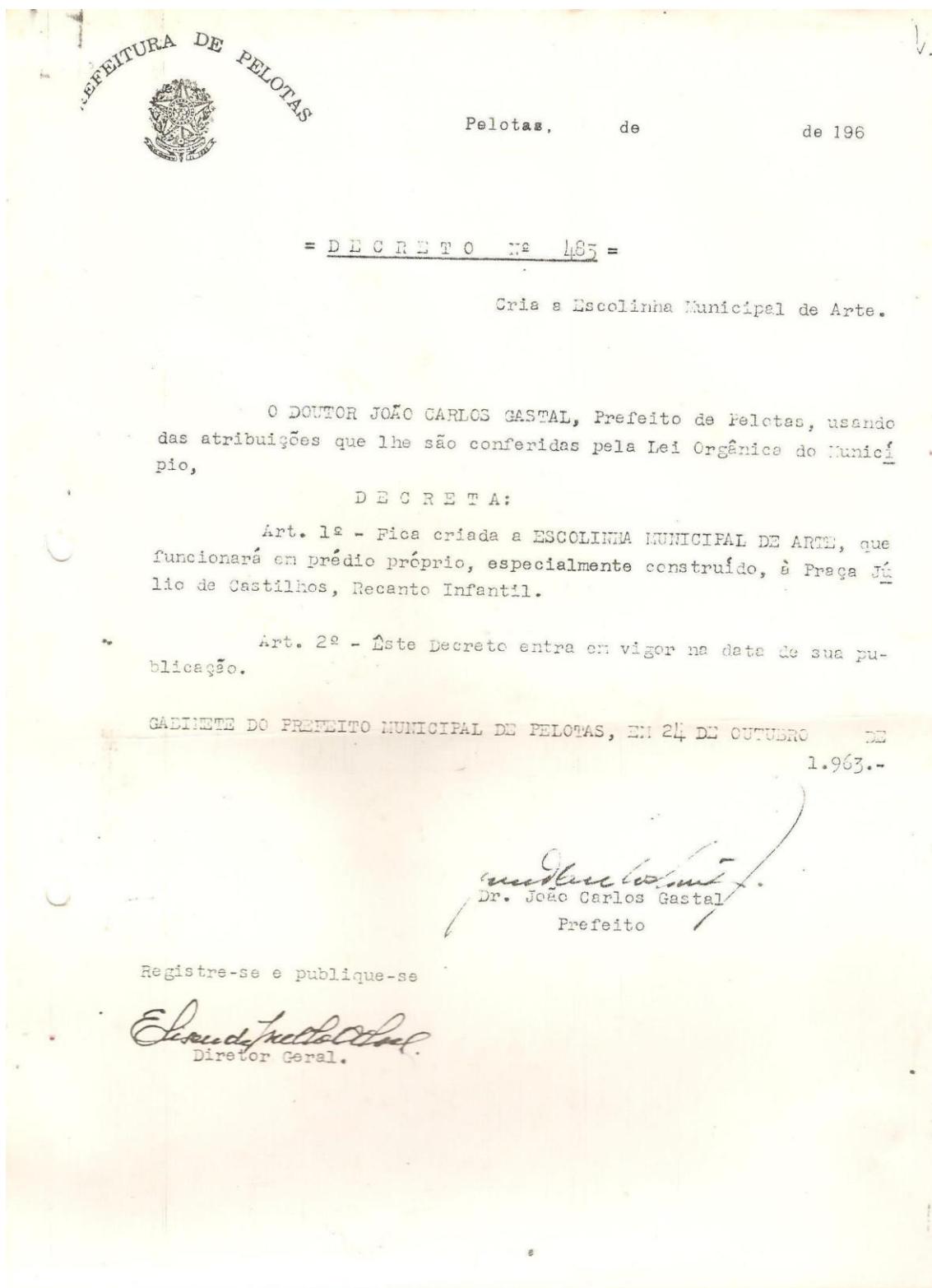
Toda a minha trajetória na Escolinha de Arte foi muito boa. Nunca tinha tido experiência anterior, só tive experiência em escola normal, depois que eu me mudei para Brasília, que eu peguei de 5^a a 8^a série. Aproveitei muito o que aprendi aqui, na Escolinha. Valeu muito a experiência daqui. Continuava trabalhando com o Jornal Arte & Educação Para a escola que eu fui, teve uma reforma e fizeram uma sala de artes. Eu tinha prateleiras para secar os fantoches. Tanques, armários. Confeccionei um biombo para apresentar o teatro. Depois, acharam mais importante colocar mais

turmas e acabaram a sala de artes. Trabalhei 10 anos lá, para me aposentar. Mais os 19 daqui.

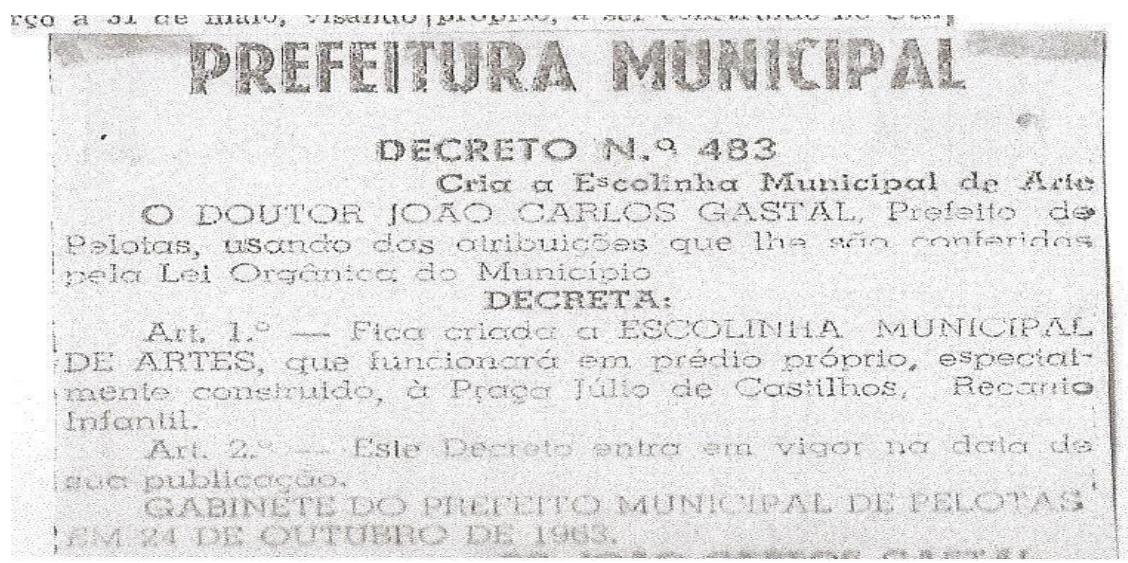
Dados pesquisados nos livros-ata, onde consta quem eram os professores dos períodos, pois não encontrei no acervo livro-ponto desta época. Regina Bergmann participou das reuniões da equipe da escola, a partir do 1º semestre de 1980 como professora. Assumiu como diretora em 1983 (22/07), por dois anos. E, depois, em 1985, por votação (10 contra 1), e assim consequentemente por seis mandatos.

Anexos

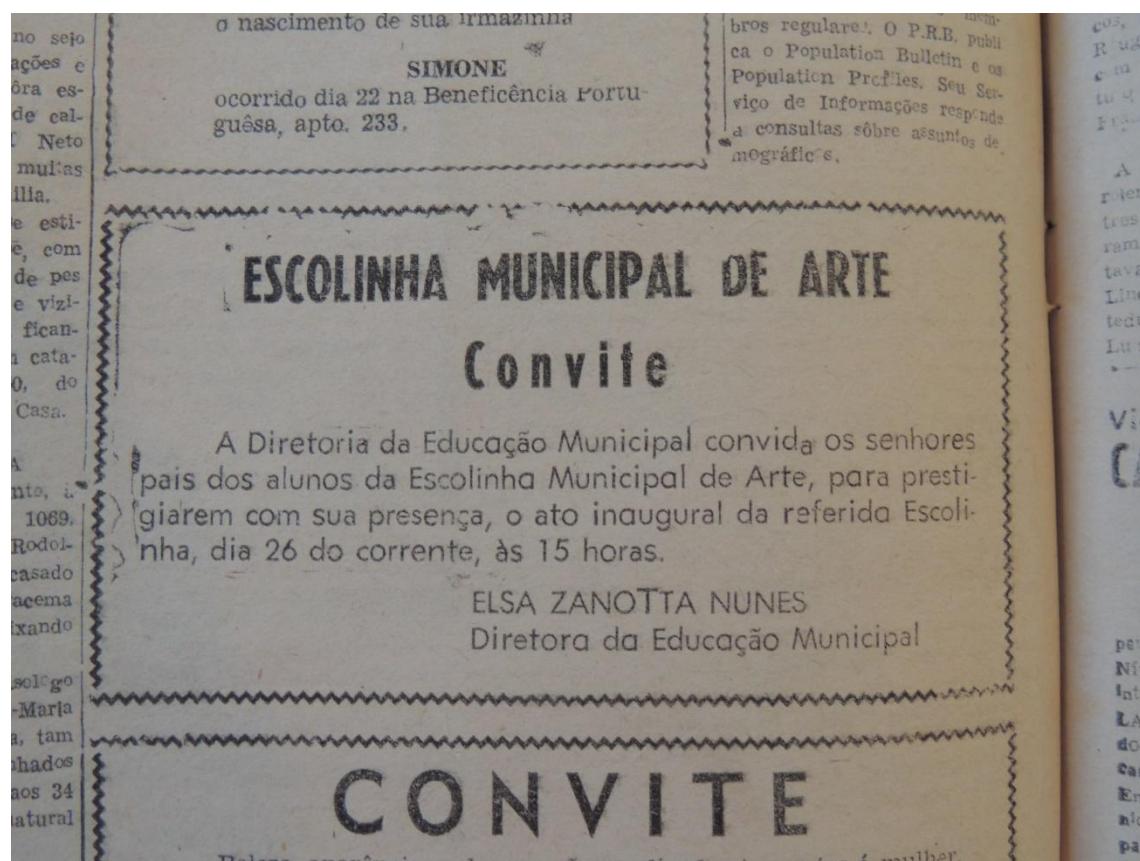
Anexo A – Primeiro decreto de criação da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas
 – nº 483. Fonte: acervo da escola



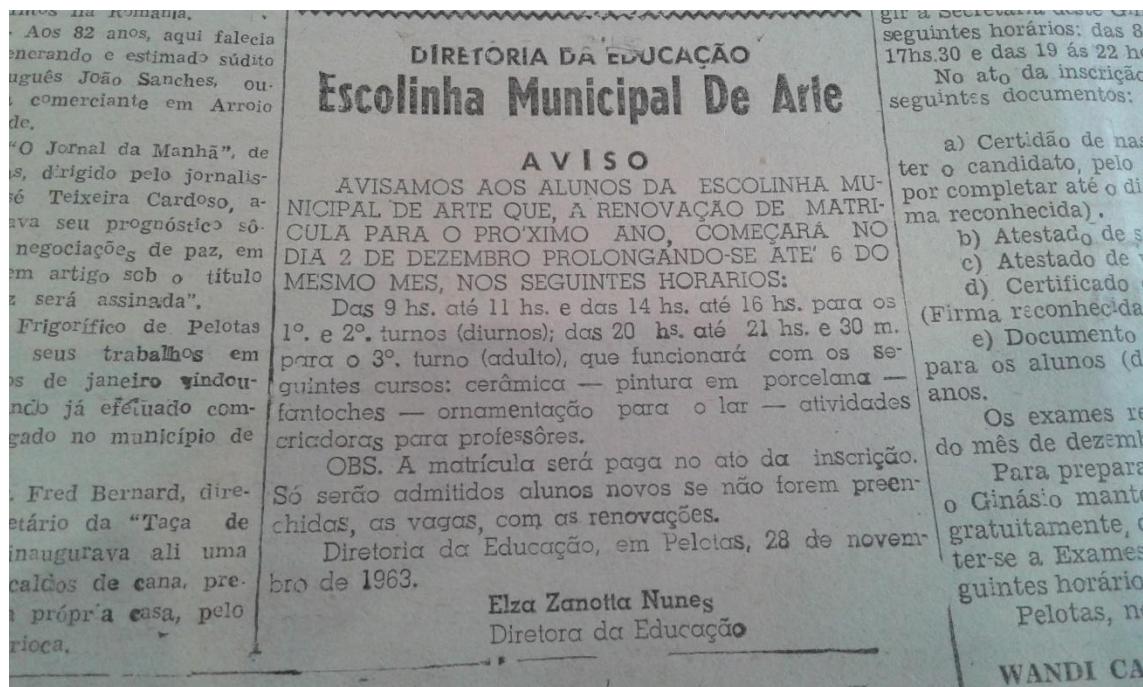
Anexo B – Recorte do Jornal Diário Popular, de Pelotas/ RS. Decreto – Nº483, de criação da EMA de Pelotas. Fonte: acervo da escola



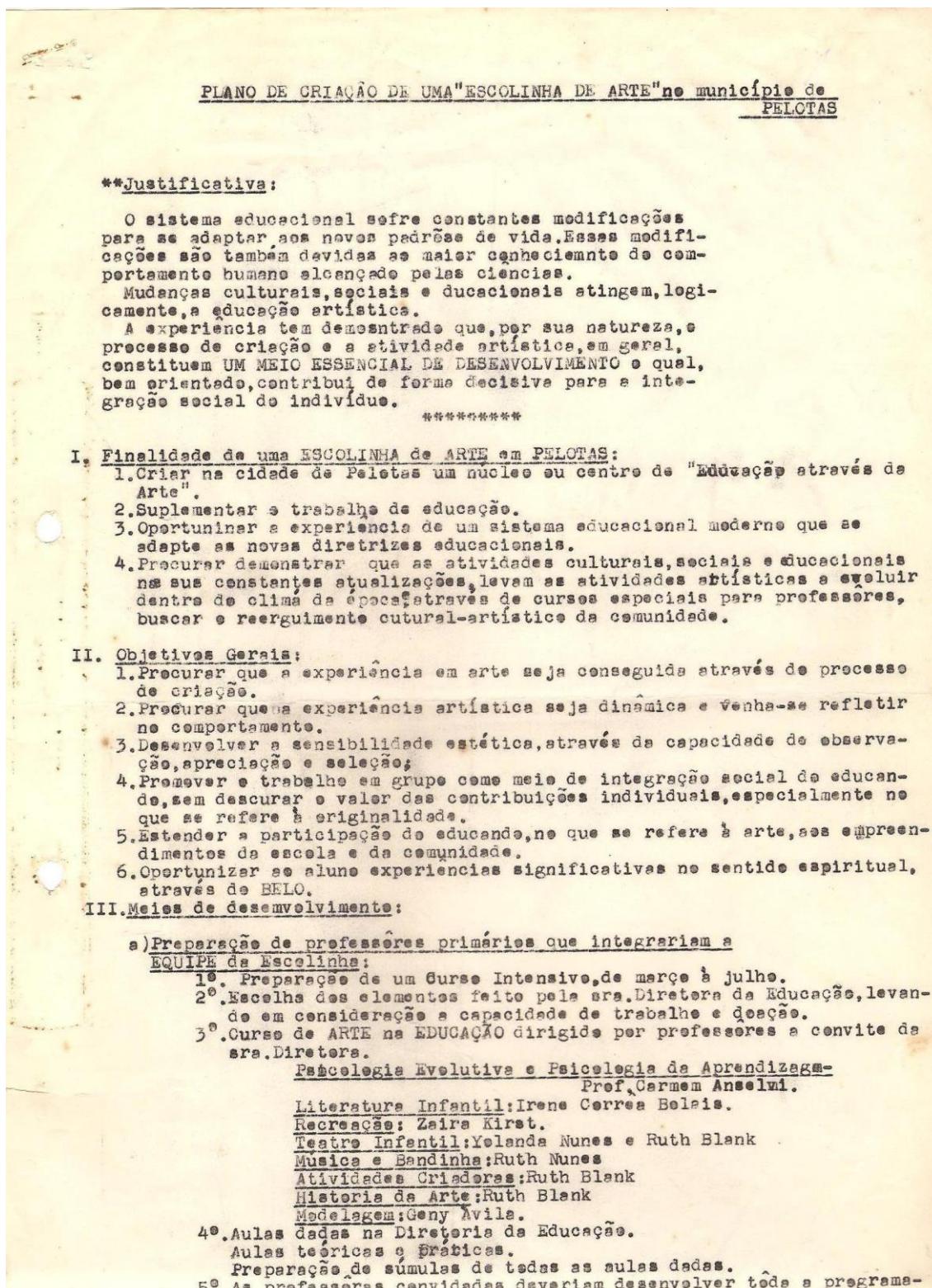
Anexo C – Recorte do Jornal Diário Popular, de Pelotas/RS. Convite para o ato inaugural, dia 26 de outubro de 1963, às 15 horas. Fonte: acervo da Biblioteca



Anexo D – Recorte do jornal Diário Popular, de Pelotas/RS – Renovação das matrículas da EMA de Pelotas, para o próximo ano. 28/11/1963. Fonte: Foto tirada pelo funcionário do acervo da Biblioteca Pública de Pelotas



Anexo E – Plano de Criação de uma “Escolinha de Arte” no município de Pelotas
 – março de 1963. Primeira página. Fonte: acervo da escola



Anexo E – Plano de Criação de uma “Escolinha de Arte” no município de Pelotas
 – março de 1963. Segunda página. Fonte: acervo da escola

PELOTAS

****Justificativa:**

O sistema educacional sofre constantes modificações para se adaptar aos novos padrões de vida. Essas modificações são também devidas ao maior conhecimento do comportamento humano alcançado pelas ciências.

Mudanças culturais, sociais e educacionais estão, logicamente, a educação artística.

A experiência tem demonstrado que, por sua natureza, o processo de criação e a atividade artística, em geral, constituem UM MEIO ESSENCIAL DE DESENVOLVIMENTO e qual, bem orientada, contribui de forma decisiva para a integração social do indivíduo.

I. Fins/Índice de uma ESCOLINHA de ARTE em PELOTAS:

1. Criar na cidade de Pelotas um núcleo ou centro de "Educação através da Arte".
2. Suplementar o trabalho de educação.
3. Oportunizar a experiência de um sistema educacional moderno que se adapte às novas diretrizes educacionais.
4. Procurar demonstrar que as atividades culturais, sociais e educacionais nas constantes atualizações, levam as atividades artísticas a evoluir dentro do clima da época, através de cursos especiais para professores, buscar e reerguir o cultural-artístico da comunidade.

II. Objetivos Gerais:

1. Procurar que a experiência em arte seja conseguida através do processo de criação.
2. Procurar que a experiência artística seja dinâmica e venha-se refletir no comportamento.
3. Desenvolver a sensibilidade estética, através da capacidade de observação, apreciação e seleção;
4. Promover o trabalho em grupo como meio de integração social de educando, sem descartar o valor das contribuições individuais, especialmente no que se refere à originalidade.
5. Estender a participação do educando, no que se refere à arte, aos embrenhamentos da escola e da comunidade.
6. Oportunizar os alunos experiências significativas no sentido espiritual, através do BELO.

III. Meios de desenvolvimento:

a) Preparação de professores primários que integrariam a EQUIPE da Escolinha:

- 1º. Preparação de um Curso Intensivo, de março a julho.
- 2º. Escolha dos elementos feita pela sra. Diretora da Educação, levando em consideração a capacidade de trabalho e desejo.
- 3º. Curso de ARTE na EDUCAÇÃO dirigido por professores e convite da sra. Diretora.

Psicologia Evolutiva e Psicologia da Aprendizagem
Pref. Carmen Anselmi.

Literatura Infantil: Irene Cerrea Belzis.
Recreação: Zeira Kirat.
Teatro Infantil: Yolanda Nunes e Ruth Blank
Música e Bandinha: Ruth Nunes
Atividades Criadoras: Ruth Blank
História da Arte: Ruth Blank
Modelagem: Gony Ávila.

- 4º. Aulas dadas na Diretoria da Educação.
 Aulas teóricas e práticas.
 Preparação de sumulas de todas as aulas dadas.
- 5º. As professoras convidadas deveriam desenvolver todas as programações e apresentar o material de todas as atividades no final do curso.
- 6º. No final do Curso as professoras poderão, se desejarem, permanecerem.

Anexo E – Plano de Criação de uma “Escolinha de Arte” no município de Pelotas
 – março de 1963. Terceira página. Fonte: acervo da escola

se sentirem chamadas a atuar no campo moderno das Escolinhas de Arte, voltar às escolas onde exerciam suas funções como professores primários.

Justificativa da Curso: Para realizar a experiência de uma Escolinha de Arte será necessário adaptar e atualizar os membros da equipe a serem convidados. Com base nas informações atualizadas levar o grupo a agir coerentemente modificando conceitos de ARTE ultrapassados. Não basta que o professor fesse infermades de que o valor principal do trabalho em arte está na experiência criativa. Será preciso que ele estude profundamente e case para se convencer dessa verdade. E, além de crer nessa verdade, seja de scerde com a mesma.

b) Construções de um prédio especial:

Justificativa da construções de prédio:

Dadas as características especiais de uma "Escolinha de Arte", torna-se indispensável uma sala ambiente, onde o aluno disponha de material, instrumentos e utensílios.

O efeito psicológico do ambiente adequado sobre a criança centrífuga para que o trabalho seja uma fonte de satisfação.

O trabalho em sala ambiente não só apresentará muitos maiores rendimentos, como favorecerá, em situações reais, aquisição de hábitos de ordem, disciplina e uma atitude de liberdade responsável.

1º.
 A "Escolinha de Arte" do Município seria construída, de preferência, numa praça. Estudos feitos apontam o local ideal: Praça de Esperites.

A planta da Escolinha seria feita pelo Sr. Jader Siqueira e pref. Ruth Blank, apresentada a sra da Educação, ao Sr. Prefeito

c) Aula inaugural de Curso de ARTE na EDUCACÃO:

a) Convocadas para a aula inaugural a Diretora da Escolinha de Arte da Divisão de Cultura em Pôrto Alegre, pref. Lygia Dexheimer.

b) Apresentação de um Painel com a Planta da Escolinha de Arte.

c) Convite a todos os Educadores de Pelotas.

d) Inauguração de uma Exposição de Arte Criadora Infantil, da Escolinha de Arte de Pôrto Alegre, dirigente e organizadora-pref. Elisabeth Prates.

e) Aula inaugural no Conservatório de Música.

d) Cursos da Escolinha de Arte:

Curso de Arte Criadora: crianças adolescentes excepcionais

Atividades: Desenho e Pintura.

Música e Bandinha

Literatura Infantil

Recreações

Teatro de Fantoches

Modelagem.

Atividades de criação livre.

NOTA: estes serão os cursos regulares, que serão orientados planejados de acordo com os interesses de cada grupo. Os referidos cursos funcionarão pela manhã e à tarde.

Cursos para adultos:

e) Atendendo inúmeras solicitações será estudado o problema de atendimento em Escolinha de Arte dos adultos, como já vem fazendo as Escolinhas de Arte da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Com a possibilidade da compra de uma Maquina elétrica surge a possibilidade de dois cursos: CERÂMICA e PINTURA em PORCELANA.

Estes cursos seriam realizados à noite.

Outras cursos especiais e rápidos poderiam ser solicitados e atendidos na medida da possibilidade da Equipe da ESCOLINHA.

A Diretoria da Educação encaminhou o Sr. Jader O. Siqueira para, em Pôrto Alegre prepara-se em Cerâmica e Pintura em Porcelana.

Os cursos especiais para adultos não seriam regulares e aten-

Anexo E – Plano de Criação de uma “Escolinha de Arte” no município de Pelotas
 – março de 1963. Quarta página. Fonte: acervo da escola

preressores primários.

Justificativa de Curso: Para realizar a experiência de uma Escolinha de Arte será necessário adaptar e atualizar os membros da equipe a serem convidados. Com base nas infermidades atualizadas levar o grupo a agir coerentemente modificando conceitos de ARTE ultrapassadas. Não basta que o professor faça infermidades de que o valor principal de trabalho em arte está na experiência criativa. Será preciso que ele estude profundamente e case para se convencer dessa verdade. E, além de crer nessa verdade, aja de acordo com a mesma.

b) Construção de um prédio especial:

Justificativa da construção do prédio:

Dadas as características especiais de uma "Escolinha de Arte", torna-se indispensável uma sala ambiente, onde o aluno disponha de material, instrumentos e utensílios.

O efeito psicológico do ambiente adequado sobre a criança contribui para que o trabalho seja uma fonte de satisfação.

O trabalho em sala ambiente não só apresentará muita maior rendimento, como favorecerá, em situações reais, aquisição de hábitos de ordem, disciplina e uma atitude de liberdade responsável.

1º. A "Escolinha de Arte" do Município seria construída, de preferência, numa praça. Estudos feitos apontam o local ideal: Praça de Esportes.

A planta da Escolinha seria feita pelo Sr. Jader Siqueira e pref. Ruth Blank, apresentada a srª da Educação, ao Sr. Prefeito

c) Aula inaugural do Curso de ARTE na EDUCACÃO:

a) Convocada para a aula inaugural a Diretora da Escolinha de Arte da Divisão de Cultura em Porto Alegre, pref. Lygia Dexheimer.

b) Apresentações de um Painel com a Planta da Escolinha de Arte.

c) Convite a todos os Educadores de Pelotas.

d) Inauguração de uma Exposição de Arte Criadora Infantil, da Escolinha de Arte de Porto Alegre, dirigente e organizadora - pref. Elisabeth Prates.

e) Aula inaugural no Conservatório de Música.

d) Cursos da Escolinha de Arte:

Curso de arte Criadora: crianças adolescentes excepcionais

Atividades: Desenho e Pintura.
 Música e Bandinhas
 Literatura Infantil
 Recreação
 Teatro de Fantoches
 Modelagem.

Atividades de criação livre.

NOTA: estes serão os cursos regulares, que serão orientados planejados de acordo com os interesses de cada grupo. Os referidos cursos funcionarão pela manhã e à tarde.

Cursos para adultos:

a) Atendendo inúmeras solicitações será estudado o problema de atendimento em Escolinhas de Arte dos adultos, como já vem fazendo as Escolinhas de Arte da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Com a possibilidade de compra de uma Muffa elétrica surge a possibilidade de dois cursos: CERÂMICA e PINTURA em PORCELANA.

Estes cursos seriam realizados à noite.

Outros cursos especiais e rápidos poderiam ser solicitados e atendidos na medida da possibilidade da Equipe da ESCOLINHA.

A Diretoria de Educação escolheu o Sr. Jader O. Siqueira para, em Porto Alegre preparar-se em Cerâmica e Pintura em Porcelana.

Os cursos especiais para adultos não seriam regulares e atenderiam as necessidades da comunidade.

O problema é conseguir e erguirmente estéticas-culturais de Pelotas, os cursos para adultos atenderiam um grupo muito grande desejoso de renovar-se e adquirir novos conhecimentos.

Anexo E – Plano de Criação de uma “Escolinha de Arte” no município de Pelotas
 – março de 1963. Quinta página. Fonte: acervo da escola

"Seducação do povo inclui suas participações e compreensão da Arte através de uma orientação especial:Música,Teatro,Museus, Exposições de pintura e escultura. Conhecimento das grandes Artes, Artes Menores e Artes Populares."

Pref. Amaral Fenters.

Através dos cursos para adultos cada aluno teria a oportunidade de renovar e estruturar conceitos nevos e atualizados de Arte. Não importa o curso que o aluno assista:Cerâmica,Pintura em Perce-las,Decoração de Lar,Atividades Criadoras,Pintura em Tecidos, Cartões,Cartazes,Vitrinismo etc,desde que o referido curso venha de encontro à necessidade de diversos grupos sociais da comunidade. Uma vez dentro da "Escolinha de Arte",ela receberia uma nova e atualizada orientação.Não importa o que ele busca,só que importa é que ele mude,cresce e extremasse na seu grupo social uma orientação nova,age como um estímulo...e,é mais importante- torna-se uma criatura feliz!

Lembremos muito a propósito as palavras do PEDRO BLOCH-médico, professor,escritor e dramaturgo brasileiro:

"O verdadeiro inferno é o do homem que não cria.Não fale só de criar artística.Fale de criar de felicidade,da palavras boas, de fé e otimismo,criar de um sorriso,da uma comunhão.O verdadeiro inferno é o do homem que não constrói e se destrói destruindo,De que sendo incapaz de criar,vive demolido,não para erguer algo de grande e belo,mas para preservar.O verdadeiro inferno é o egoísmo,a vida quadrada,a mente quadrada,e homem quadrado."

f) TAXAS de matrícula;

As taxas de matrícula constituirão os meios de que se valerá a "Escolinha"para todos os recursos especiais permanecendo o consumo dos alunos.

As taxas seriam fixadas pela diretoria da ESCOLINHA que,previamente,através do PLANEJAMENTO as despesas,afixaria o referido taxa.

As taxas para os cursos especiais as taxas variariam de acordo com as despesas do referido curso.Se as taxas fossem elevadas seriam fractionadas,pagando os alunos em uma ou mais vezes.

Pelotas, 15 de março de 1963

Cópia de Planejamento

Anexo F – Placa em homenagem à criação da Escolinha Municipal de Arte de Pelotas. 1963. Fonte: acervo da escola



Anexo G – Placa em Homenagem à Ruth Blank, diretora da Escolinha. 1967.

Fonte: acervo da escola



Anexo H – Recorte do Jornal Diário Popular, de Pelotas/RS – 21 de novembro de 1989 -
 2º Decreto com a mudança de nome da EMA, Pelotas. Fonte: acervo da escola

<p>Incorporadora e Administradora MGM — Empresa Construtora Ltda. Rua: Andrade Neves, 3.295, fone 25-6900.</p> <p>CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS RESOLUÇÃO N° 05/89</p> <p>PROPOSIÇÃO ALTERAÇÃO À RESOLUÇÃO QUE INSTITUIU O REGIMENTO INTERNO DA CÂMARA MUNICIPAL CONSTITUINTE.</p> <p>O SENHOR VEREADOR RUBENS ÁVILA RODRIGUES, Presidente da Câmara Municipal de Pelotas, Faço saber que este Poder Legislativo aprovou e eu promulgo o seguinte:</p> <p>RESOLUÇÃO</p> <p>Art. 1º — Ficam alterados os artigos 20º e 24º, § 6º, a fim de garantir-se os seguintes prazos:</p> <p>I — defesa no Plenário das Comissões Temáticas de proposições populares por pessoa indicada no texto deslas, ate 23/11;</p> <p>II — apresentação do texto básico pelo Relator de cada Comissão Temática, em 29/11;</p> <p>III — apresentação do texto básico pelas entidades proponentes e recursos ou emendas por parte dos vereadores ao texto básico, de 25/11 a 26/11;</p> <p>IV — parecer do relator sobre as emendas, de 27/11 a 28/11;</p> <p>V — votação dos textos com as emendas, de 29/11 a 30/11;</p> <p>VI — publicação do aprovado, de 15/12 a 02/12.</p> <p>Art. 2º — Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.</p> <p>GABINETE DA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, EM 07 DE NOVEMBRO DE 1989.</p> <p>V. RUBENS ÁVILA RODRIGUES Presidente Registrar-se e publique-se: VER. ÉLIO ABREU 1º Secretário</p>	<p>vados os dias e horários em que é feita a coleta de lixo em suas zonas, a fim de evitar que, quando da passagem de nossos caminhões coletores pelos locais pré-estabelecidos, nossos garis encontrem sacos de lixo danificados por cães vadios, o que prejudica nosso trabalho de coleta.</p> <p>Pelotas, 20 de novembro de 1.989. Dr. Daniel Moraes Diretor-Presidente</p> <p>CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS DECRETO N° 100/89</p> <p>Dá denominação a uma Escola Municipal,</p> <p>O SENHOR RUBENS ÁVILA RODRIGUES, Presidente da Câmara Municipal de Pelotas, no uso de suas atribuições legais, e considerando o Plenário ter aprovado a respectiva proposição:</p> <p>DECRETO</p> <p>Art. 1º — Passará a denominar-se ESCOLA MUNICIPAL DE ARTE PROFESSORA RUTH BLANK a anteriormente chamada Escolinha de Arte Municipal;</p> <p>Art. 2º — Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.</p> <p>GABINETE DA PRESIDÊNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL, EM 07 DE NOVEMBRO DE 1.989.</p> <p>VER. RUBENS ÁVILA RODRIGUES Presidente VER. ÉLBIA DA SILVA ABREU 1º Secretário</p>	<p>VENDO — um bilhar, engomado. Acabou muito usado no mesmo. Taller Daniels Silva, 1673 A, a meia Cidade de Pelotas, fone 75.1217.</p> <p>APÓD — atacado de muitas gastrinhas, para 3 a 4 séries. Português e Matemática, 5.º & 6.º e Português 2.º grau. Informações fone 25.6117.</p> <p>DIARIO POPULAR Zona Sul</p> <p>Assinaturas -- Venda avulsa Publicidade -- Classificados Rio Grande -- Ernani Lages Mal. Floriano, 371 -- F. 32-4931</p> <p>Pratolini -- Taller Lopes Rua Cel. M. Pêdroso, 151 -- F. 111</p> <p>Canguçu -- Carlos Pinheiro Rua F. Moreira, 215 -- F. 52-1455</p> <p>Herval -- Soni M. Soares Rua XV de Novembro, 310 -- F. 27</p> <p>P. Machado -- Juilino Leon Garcia Rua Dr. Aruda, s/n -- F. 18</p> <p>Jaguarão -- Marilu Duarte Rua Independência, 1196 Fone: 61.1028</p> <p>Arroio Grande -- Cláudio Serpa Silva Rua Dr. Monteiro, 268 -- F. 62-1308</p> <p>Pedro Osório -- Clever F. Magalhães Av. Alberto Pasqualini, 1 -- F. 49</p> <p>Sta. Vitória do Palmar -- Faustino Munhoz Rua Sóis do Selembro, 967 -- F. 83-1220 Venda Avulsa -- Tabacaria 007 Barão do Rio Branco, 488</p> <p>Cascata -- Hotel e Restaurante Cascata F. 77-5188</p> <p>Morro Redondo -- Hotel e Restaurante Fiss Capão do Leão -- Posto Kaiser Av. Narciso Silva, 1107 -- F. 75.1056</p>
--	--	---